

PHARMAKON
REDE TYA DO CAMPO FREUDIANO - RED TYA DEL CAMPO FREUDIANO

Digital



Inspirado en "Chimeneas - La Pedrera" - de Gaudí - escultura.

TOXICOMANIAS E PSICOSES

Novembro de 2017, Vol 3

EQUIPE EDITORIAL:

Diretora:

Elisa Alvarenga

Editora em português:

Maria Wilma de Faria

Equipe editorial:

Cassandra Dias, Claudia Maria Generoso, Leonardo Scofield, Luiz Francisco Espindola Camargo, Márcia Mezêncio, Maria Célia Kato, Oscar Reymundo, Pablo Sauce.

Editor em espanhol:

Darío Galante

Equipe editorial:

Raquel Vargas, Maximiliano Zenarola, Claudio Spivak, Marcos Fina, Miriam Pais e Estefanía Elizalde.

Consultores:

Judith Miller, Ernesto Sinatra
Fabián Naparstek, Antonio Beneti, Jesús Santiago

Criação, desenvolvimento e editoração:

Bruno Senna

TOXICOMANIAS E PSICOSES

Novembro 2017 - Volume 3

EDITORIAL

Dario Galante

5

CONFERÊNCIA

DROGA, RUPTURA FÁLICA E PSICOSE ORDINÁRIA

8

Jesús Santiago

ENTREVISTA

ENTREVISTA COM FABIÁN NAPARSTEK

17

CLÁSSICOS

TRÊS OBSERVAÇÕES SOBRE A TOXICOMANIA

22

Éric Laurent

TEMÁTICOS

A MARCA DA AUSÊNCIA

28

Ernesto Sinatra

TOXICOMANIAS E PSICOSES

31

Antônio Beneti

PARA UMA CLÍNICA DA « ELISÃO DO FALO »

34

Cesar Skaf

TOXICOMANIAS APLICADAS ÀS PSICOSES

38

Leonardo Scofield

O ORDINÁRIO: NO CAMPO DA PSICOSE E NO CAMPO DA TOXICOMANIA

41

Liliana Aguillar

LAÇO SOCIAL E ADIÇÕES

44

Pierre Sidon

ROMPER O EFEITO DE AFETO

47

Jean-Marc Jossion

A ORFANDADE TOXICÔMANA

50

Irene Domínguez

UM USO REGULADO DO TÓXICO

53

Epaminondas Theodoridis

INTOXICAÇÕES NO CONTEXTO DO DESENCADEAMENTO DA PSICOSE

57

Viviane Tinoco Martins

ADOLESCÊNCIA

BONS COLEGAS, PARA RAPAZES BONITOS

61

Nadine Page

ESTÉTICA DO CONSUMO

USOS DO CORPO NAS TOXICOMANIAS

65

Eugenia Flórez

SYD BARRETT: BRILHE DIAMANTE LOUCO

68

Luis Salomone

A INQUIETANTE FAMILIARIDADE DAS DROGAS:

72

RESENHA DO III COLÓQUIO AMERICANO DA REDE TYA

Cláudia Maria Generoso, Claudio Spivak, Marcelo Quintão e Silva



EDITORIAL

Darío Galante (Buenos Aires, Argentina)

O terceiro número de *Pharmakon Digital* é dedicado às Psicoses. Partimos da conferência que Jesus Santiago nos ofereceu, “Droga, ruptura fálica e psicose ordinária”, na qual sustenta que a droga pode ser um Nome-do-pai na relação que o sujeito tem com seu corpo.

Na *Seção Entrevistas* Fabián Naparstek destaca que a droga pode cumprir uma função de amarração ao redor de um delírio, ou que pode funcionar como um remédio que o sujeito toma para aplacar a invasão de gozo.

Na *Seção Clássicos* encontramos “Três observações sobre a toxicomania”. Este trabalho de Éric Laurent é um dos textos que marcaram o começo de nossas investigações sobre a toxicomania. Interessa-nos publicá-lo especialmente neste número porque ali se estabelece o ponto de encontro entre a toxicomania e as psicoses: a ruptura com o gozo fálico.

Na *Seção Textos Temáticos* Ernesto Sinatra pergunta o que ocorre no campo das psicoses quando a marca do “não se pode” está ausente. Ilustra, a partir de um caso clínico, como é que um sujeito psicótico, a partir de uma formação neológica produzida em análise, pode nomear o circuito de gozo que o consumia e contar com uma ferramenta para aceder a uma saída.

Antônio Beneti se interroga sobre a possibilidade de que a toxicomania se constitua de duas maneiras. A primeira como *sinthome* e a segunda como CMB (*compensatory make-believe*).

Por sua parte, Cesar Skaf, partindo da clínica da elisão do falo, presente nas toxicomanias, faz uma aproximação em direção ao campo das psicoses ordinárias.

Leonardo Scofield aborda os possíveis efeitos terapêuticos das toxicomanias aplicados às desordens que acontecem em casos de psicoses. A leitura de três recortes clínicos localiza os modos singulares que cada ser falante constrói com a droga para reordenar ou evitar a desordem na juntura mais íntima de seu sentimento de vida.

Liliana Aguilar se pergunta se o ordinário da psicose e da toxicomania abala a clássica relação entre toxicomania e psicose, onde a primeira pode cumprir uma função de suplência para a segunda.

Continuando, Pierre Sidon propõe que a adição é a medida do laço social de cada um, na era da ciência.

Em “Rompendo o efeito do afeto” Jean-Marc Josson, recorrendo ao último ensino de Lacan sustenta que o significante que tem um efeito de afeto não é o significante S_1 articulado a um significante S_2 , mas um significante isolado, um S_1 sozinho: a droga então vem no lugar de romper o afeto.

Irene Domínguez nos recorda que, em seus fundamentos, no seio da psicanálise lacaniana, a toxicomania e a psicose não nadam nas mesmas águas. Enquanto que a psicose é uma estrutura clínica, a toxicomania, por sua vez, não é um conceito psicanalítico, mas um termo tomado do campo do Outro, da psiquiatria, e inclusive da sociologia.

No entanto, Epaminondas Theodoridis precisa que, o modo de uso e o papel da droga no funcionamento

subjetivo podem esclarecer-nos quanto à estrutura do sujeito.

Finalmente, Viviane Tinoco Martins nos adverte sobre a prudência necessária que se tem que ter, em cada caso que a toxicomania e a psicose se cruzam, uma vez que, ainda que o recurso à droga possa cumprir a função de compensar o desequilíbrio psíquico característico de uma psicose, tal função implica certas precariedades e pode participar da conjuntura de um desencadeamento.

Na *Seção Adolescência*, Nadine Page sustenta que o consumo de drogas não é, sempre, somente uma modalidade de separação do Outro. Apresenta o caso de um sujeito em que seu consumo de esteroides desvela a função de tentativa de refiliação com o laço social.

E finalmente, na *Seção Estéticas do Consumo* Eugenia Flórez sustenta que o assim chamado toxicômano, por não se deixar enganar pela equívocidade do significante, nos permite verificar o que Lacan assinala a respeito do gozo, que em todo caso, é gozo do corpo. As toxicomanias como as psicoses nos deixam ver de maneiras menos veladas que o corpo como território de gozo está pronto para o uso. Deste modo, a noção de uso pode ser tomada em oposição ao interpretável via sentido, tal como Lacan a introduz, pensando no elemento mínimo de corda ou redondel que, antes de ser interpretado, está dado ao uso.

De sua parte, Luis Salamone nos cativa com sua leitura de um dos ícones do rock: Pink Floyd. A leitura que faz de sua alma máter, Syd Barret, nos leva a pensar a loucura que habita em cada um. Sustenta que “A loucura de Barret é a que deu origem à banda e seguiu inspirando grandes temas, a loucura está neles como está em nós. Poética forma de nos dizer que somos todos loucos”. Uma apropriada forma de nos dispor a seguir investigando as toxicomanias, desta vez, apoiando-nos nas psicoses.

Boa leitura!

Tradução: *Maria Wilma S. de Faria*



PHARMAKON[®]

CONFERÊNCIAS

DROGA, RUPTURA FÁLICA E PSICOSE ORDINÁRIA

DRUG, PHALLIC RUPTURE AND ORDINARY PSYCHOSIS

Jésus Santiago (Belo Horizonte, Brasil)

Psicanalista, Analista da Escola (AE) e Analista Membro da Escola (AME) da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP)

Psychoanalyst. Analyst of the School (AE), Analyst Member of the School (AME), of the Brazilian School of Psychoanalysis (EBP) and the World Association of Psychoanalysis (WAP)

Resumo: O texto propõe tomar a psicose ordinária como uma categoria epistêmica que concerne à maneira atual de reconhecer a presença da ruptura fálica na prática toxicomaníaca da droga.

Palavras chave: ruptura fálica, psicose ordinária, toxicomania.

Abstract: The text proposes to take ordinary psychosis as an epistemic category which concerns the manner we recognize, nowadays, the presence of the phallic break in drug addicts' practice.

Keywords: phallic break, ordinary psychosis, drug addiction

A toxicomania, na atualidade, dissemina-se, prolifera e transforma-se em adição. Ao assumir a roupagem da drogadição, por via de consequência, torna-se, emblemática do que vem a ser o sintoma em nossa época. O fenômeno toxicomaníaco típico do século passado, em que se destacava a dependência de certa substância, massifica-se, cada vez mais, à medida que seus objetos se multiplicam. Se, antes, a dependência definia-se pela ação de determinada substância, nas chamadas *novas adições*, tal substância não se faz necessariamente presente. Objetos de consumo, amor, pornografia, *videogames*, *fast-food* e outros são suscetíveis de dar lugar a condutas aditivas diversas. Os significantes “adicto”, “drogadição” e “fissura” impõem-se no discurso corrente, indicando que não se trata mais de dependência de uma droga ilegal, mas da força da banalização das adições. Acredita-se, assim, que todo objeto pode se tornar *adicto*, visto que solicita a pulsão, tendo o poder de induzir à repetição de um ato que vai modificar a relação do sujeito com os prazeres do corpo.

EMPUXO ÀS ADIÇÕES

Essa espiral aditiva própria do mundo contemporâneo deve, contudo, ser considerada uma tendência decorrente da promoção do gozo pelo mercado, que se opera às expensas de ideais, de figuras paternas e de toda forma de autoridade do mestre moderno. Desde os anos 1970, Lacan enuncia que o contemporâneo se caracteriza pela “ascensão ao zênite social do objeto dito pequeno (a)”, inerente à lógica capitalista, que gera uma “produção extensiva, portanto insaciável, do mais-gozar” (LACAN, 2003, 411). O fenômeno da drogadição revela-se, assim, consequência de uma transformação fundamental das sociedades atuais. Ou melhor, se o discurso do mestre impunha ao sujeito reprimir o gozo, renunciar a ele ou inibi-lo – tese de Freud em *Mal-estar da civilização* –, a atualidade do discurso capitalista e, associada a ele, a prática analítica, ao procurar responder ao mal-estar vigente, levam ao que Miller nomeou “uma liberação do gozo” (MILLER, 2005, p.13). A ciência, de

mãos dadas com o capitalismo, sempre portadora de objetos recém-criados e renovados que povoam o mundo, contribui, de maneira decisiva, para essa configuração atual das *novas adições*.

Lacan qualifica os produtos da indústria do mais-gozar “*en toc*” – ou seja, objetos sem valor, descartáveis, ainda que sejam “*feitos para causar o desejo, pois é a ciência que os governa*” (LACAN, 1992). Constata-se, então, que o mercado gera, a todo instante, objetos que, tão logo adquiridos, já devem ser substituídos por outros mais eficazes e atraentes. Por isso, pode-se caracterizar esse modo de gozo, que se depreende da aliança da ciência com o capitalismo, como “*precário, visto que ele se situa a partir do mais-gozar*” (LACAN, 2003, p.533), que apenas se enuncia em torno de *gadgets* descartáveis. Diferentemente de um gozo vulnerável à incidência das leis da palavra, o *mais-gozar particular* das adições é, antes de tudo, efeito da produção discursiva do capitalismo, efeito de uma *falta a gozar [manque-à-jouir]*, que, forçosamente, exige ser suprida.

Em última instância, o que caracteriza a apreensão do capitalismo como discurso é a *Verwerfung* – rechaço da castração em face de todos os campos do simbólico. Para Lacan, disso advém que toda ordem de discurso aparentada ao capitalismo tende a jogar para escanteio o que se mostra antípoda dessa dimensão precária do gozo – as coisas do amor e do desejo (LACAN, 2011, p.88). Fica evidente que a falta do gozo permeável à palavra incide sobre as “*coisas do amor*” e, mais ainda, que essa falta não se inscreve como perda que mobiliza o desejo, subentendido na fantasia. Exatamente no ponto da exigência em suprir essa *falta de gozo*, próprio ao corpo e poroso à palavra, é que intervém o objeto droga, o que não acontece sem suscitar angústia. A toxicodependência é, portanto, sintoma dessa *Verwerfung* generalizada da castração, contrapartida inerente ao discurso capitalista, que, sob a forma de um imperativo – Goza! –, favorece o curto-circuito diante do que, na economia libidinal, emerge como referente desse gozo permeável à palavra – o amor e o desejo.

Do ponto de vista da precariedade própria a certos modos de gozo, esse *empuxo às adições*, fruto da contemporaneidade do discurso capitalista, acarreta consequências que vão muito além do alarde que faz o senso comum em torno de supostos hedonismo e felicidade. Ao contrário, a atualização desse *mais-gozar particular* que culmina em excessos de adições não cessa de produzir efeitos, que, por sua vez, reforçam uma tendência civilizatória à pulsão de morte. Nos rastros dessa tendência, pode-se ressaltar o caráter emblemático da toxicodependência pelo fato de que se trata de um *novo sintoma*, que se tece no horizonte autista e mortífero do gozo (LAURENT, 2008, p.15) . É preciso reconhecer que esse *novo sintoma* apenas pode ser tratado, clinicamente falando, à luz da reviravolta na leitura do ensino de Lacan efetuada por Miller, mediante uma concepção inovadora do “*parceiro-sintoma*” (MILLER, 2008, p.329).

Essa abordagem clínica caracteriza-se como um suplemento essencial, necessário à prática analítica, e responde à insuficiência do que se institui, desde os anos 1950, como função do Outro e, consequentemente, da presença ou ausência do significante do Nome do Pai nas estruturas clínicas freudianas clássicas. Sabe-se que tanto a histeria e a neurose obsessiva quanto as psicoses são concebidas pela relação do sujeito com o Outro, tomado como lugar do significante e pelo papel que nele desempenha o significante do Nome do Pai. Com a teoria do “*parceiro-sintoma*”, o Outro deixa de ser apenas lugar do significante e passa a se representar pelo corpo, definindo-se, assim, o saber como meio de gozo (LACAN, 1992, p.74).

DESORDEM NO SENTIMENTO ÍNTIMO DE VIDA

No que concerne a tomar o saber como *meio de gozo*, deve-se considerar, observa Miller, que não há gozo do corpo senão pelo significante e que, ao mesmo tempo, há gozo do significante, porque a significância está enraizada no gozo do corpo (MILLER, 2008, p.398). Sem dúvida alguma, para se poder ter acesso ao funcionamento desses *novos sintomas* – toxicomania, bulimia, anorexia e outros –, impõe-se admitir uma conexão estreita entre o gozo do corpo e o gozo do significante. Em outros termos, é pela presença decisiva do gozo do corpo que se fabricam *novos sintomas*, sabendo-se que não há, para o ser falante, gozo anterior ao significante. Importa salientar que, sob a ótica da psicanálise, o tratamento do corpo em que se manifesta a relação desregrada com a droga faz-se com um corpo que fala por meio do sintoma.

Esse destaque conferido ao corpo não implica, no entanto, que se trate o corpo que goza do toxicômano diretamente pelo corpo. Com efeito, considera-se o desregramento na relação com a droga, depositária do parceiro-Outro, ainda que a função significante, neste último, esteja preferencialmente a serviço do gozo. Por essa razão, nas referidas *novas formas de sintoma*, pelo fato de que o significante é meio de gozo, o corpo de que se trata será sempre o *corpo falante*. Isso acarreta a complexificação e a conversão de perspectiva do que se constitui fundamento da elaboração psicanalítica das estruturas clínicas das neuroses e das psicoses, cujo ápice é a emergência, como se verá mais adiante, das chamadas psicoses ordinárias. Vale dizer que a inscrição do Outro nos *novos sintomas* não segue à risca a separação estanque entre o *recalque*, próprio ao âmbito das neuroses, e a *forclusão*, específica ao domínio das psicoses. O enfoque que privilegia a presença da simbolização do Nome do Pai em um desses campos e sua ausência no outro não é suficiente para dar conta do fenômeno da toxicomania. A hipótese clínica que se propõe é a de que tal simbolização pode ocorrer, ainda que seus efeitos sejam incapazes de agir sobre a “*desordem provocada na junção mais íntima do sentimento de vida do sujeito*” (LACAN, 1998, p.565). Que, pois, será capaz de atuar sobre essa desordem no sentimento de vida do sujeito? No caso do toxicômano, certamente, a droga revela-se solução para tanto.

Evoca-se essa falha no sentimento de vida, porque ela se evidencia no que se designou, anteriormente, horizonte mortífero e autístico do sintoma toxicomaníaco, cujo modo de gozo deixa transparecer a exclusão do Outro. No fundo, essa exclusão é apenas aparente, pois, se o toxicômano goza a sós do parceiro-droga, isso não quer dizer que ele despreze o acesso ao Outro, ainda que sob a forma de um atalho ou, mesmo, de uma recusa. O uso metódico da droga singulariza, de alguma forma, o que já se disse a propósito do corpo falante, pois é possível mostrar que o corpo do toxicômano se institui, para ele, um Outro. Trata-se de um *novo sintoma*, na medida em que a toxicomania se constitui exemplar de um gozo que, essencialmente, se produz no corpo do Um, sem que, com isso, o corpo do Outro esteja ausente. Em certo sentido, no contexto clínico, o gozo é sempre *autoerótico*, sempre autístico, mas, ao mesmo tempo, é *aloerótico*, visto que também inclui o Outro sob a forma do parceiro-corpo.

UMA PARCERIA CÍNICA COM O GOZO

Como apreender essa inclusão atípica do Outro na toxicomania, concebida como expressão paradigmática do autismo do gozo e suas desordens no sentimento de vida? Uma primeira aproximação clínica do problema ocorre no que Miller denomina “*gozo cínico*” (MILLER, 1989, p.136), gozo que se extrai da postura ética do mestre cínico ao recusar os *semblantes* ofertados pelo Outro. É, portanto, o mestre cínico antigo que torna possível entrever tal demonstração. Se o cínico não carrega uma imagem racional do mundo, uma concepção providencialista da natureza, isso se explica porque, além de rechaçar toda e qualquer forma de transcendência do Outro, ele é mestre em ironizá-las. Não considera que haja um mistério do mundo a ser atingido, nem que uma divindade tenha criado o universo para o homem. Se o mestre cínico age assim, ele não o faz porque está marcado por falta de coragem ou por acesso de ceticismo, que o leva a renunciar à felicidade.

Ao contrário, contra tudo e contra todos, ele visa à felicidade num mundo em que os reveses infligidos pela Fortuna são moeda corrente, em que o homem é não só vítima das paixões inerentes à sua condição, mas também submetido às agressões de um ambiente que o aprisiona nos chamados valores da civilização. É somente por meio de uma ascese, de uma domesticação capaz de promover a apatia, a serenidade total, que o cínico acredita enfrentar a adversidade, sem, contudo, experimentar o menor transtorno. A inspiração essencial que orienta essa tentativa de encurtar o acesso à apatia implica, portanto, a renúncia às fontes de gozo da civilização, cujo princípio é a autarcia – isto é, o fato de poder ser suficiente por si mesmo –, condição *sine qua non* da felicidade, tal qual buscava, na antiguidade, esse modo particular de personificação da figura do mestre.

Com o intuito de precisar a tese do curto-círcuito infligido aos *semblantes* ofertados pelo Outro, convém retomar o valor que Diógenes de Laércio confere ao ato masturbatório público e com que ambiciona evitar as mazelas provenientes do convívio com uma parceira sexual. De certa forma, pode-se dizer que o gesto contestador do cínico intervém no ponto exato em que possibilita o encontro com o Outro sexo. Faz-se necessário, contudo, evitar a ideia de que o gozo masturbatório está ao abrigo da relação com o Outro. O cínico, ressalte-se, vive como se o Outro não existisse. Com efeito, o gozo fálico é-lhe suficiente em si mesmo. Assim, o ideal cínico da felicidade vem confirmar o axioma lacaniano de que não há felicidade a não ser a do falo. O cinismo representa uma maneira de se opor aos meios de gozo oferecidos pelo aparelho da civilização, pelo acento conferido ao gozo fálico, concebido como o único que pode liberar a felicidade. Admitir que o falo é uma via para a felicidade é o próprio anátema lançado pelo cínico ao laço social, o que explica, em compensação, o interdito com que as leis da cidade atingem sua forma de gozo direto e imediato.

O atalho cínico da masturbação testemunha os obstáculos que o sexo masculino encontra para gozar do corpo da mulher. A masturbação cínica instaura-se pelo fato de que o homem goza exatamente do gozo do próprio órgão. Pelo gozo fálico, Diógenes tenta responder à discordância fundamental existente, para o homem, entre seu corpo e o gozo. Sua esperança é a de poder atingir o *Um* da relação sexual pela via fálica. Lembre-se, a propósito, a máxima de Diógenes – “*Procuro um homem*”, proferida por ele, carregando uma lanterna na mão –, que marca sua ligação ao gozo fálico, já que aferrar-se a ele, impede a superação do obstáculo que o Outro sexo encarna. Em suma, o cínico agarra-se à masturbação, visto não poder gozar do corpo da mulher, pois seu gozo sexual está marcado pelo ideal de constituir o *Um* da relação sexual.

DROGA E RUPTURA FÁLICA

No mundo contemporâneo, há formas distintas de manifestação desse atalho cínico para o enfretamento do mal-estar do desejo? Se existem, é bem provável que não possuam mais o valor ético que orienta a vida rumo à virtude e à autarcia, mas representem o reflexo das expressões sintomáticas de uma existência que se quer desmunida do Outro. A toxicomania revela-se, portanto, um sintoma, que se exprime pela obtenção compulsiva de um gozo monótono, repetitivo, sem adiamento, voltado a uma satisfação quase sempre fabricada, de forma direta, no circuito fechado entre consumidor e produto.

Esse caráter artificial de fabricação da satisfação, de estilo monótono, obtido no circuito fechado do corpo e da droga, e sobretudo a recusa dos semblantes do Outro remetem à concepção da toxicomania como um tipo clínico que se traduz pela ruptura da função fálica. Por isso, é preciso estabelecer uma distinção essencial entre o apego do cínico à masturbação e o do toxicômano à satisfação tóxica. Se coincidem no modo de inclusão do Outro, se convergem no rechaço dos semblantes da civilização, ambos divergem, contudo, no tocante ao gozo fálico.

O cínico conforma-se com o gozo autoerótico masturbatório e com o valor fálico que se deduz dessa estratégia em obter alguma sintonia entre o gozo e o corpo. Nessa busca compulsiva de uma satisfação artificial e fabricada, o toxicômano dá sinais de que há falhas no dispositivo fálico que favorece o funcionamento possível do gozo necessário ao ser falante. Sob esse ponto de vista, ele não é o cínico, já que reage de modo distinto ao casamento que o ser falante é levado a fazer com o falo. O toxicômano é justamente aquele que não consente com o casamento com o gozo fálico e, portanto, não o concebe como uma saída viável, porque sua fixação reside no real que envolve o órgão peniano. Para o cínico, ao contrário, não importa se o gozo fálico não convém à relação sexual, pois, ainda assim, se mostra apegado a ele. O toxicômano, por sua vez, é um contestador do falo e do gozo que se depreende dele ou, ainda, do gozo de que necessita. Chama a atenção o modo como este se interpõe a esse necessário gozo que, segundo Lacan, apesar de ser um “*gozo que não convém – non decet – à relação sexual, não há outro, se houvesse outro*” (LACAN, 1982, p.83).

O alcance clínico da visão lacaniana da toxicomania implica considerar a droga um objeto que busca suprir falhas da função fálica, tendo-se em vista seu papel de viabilizar um gozo que mantenha alguma afinidade com a palavra. De outro modo, a presença insistente e compulsiva da droga denota o impasse do sujeito com relação ao gozo que convém, o gozo pulsional que, sob o efeito da incidência da castração, encontra seus objetos, que se constituem *Ersatz*, pois velam e, ao mesmo tempo, desvelam a castração. O essencial da definição da droga, promovida por Lacan em 1975, é a tese de que sua prática metódica exprime as dificuldades que o toxicômano encontra em ser fiel ao casamento, que todo ser falante contrai, um dia, com o parceiro-falo. Tal definição da droga enuncia-se, literalmente, assim:

[...] é porque falei de casamento que falo disso; tudo o que permite escapar a esse casamento é evidentemente benvindo, daí o sucesso da droga, por exemplo; não há nenhuma outra definição da droga senão esta: é o que permite romper o casamento com o faz-xixi [*Wiwimacher*], ou seja, com o seu pênis.

No fundo, o que se depreende como específico ao ato toxicomaníaco é a ruptura fundamental com o gozo

decorrente dessa parceria, necessária para todo sujeito, pois é ela que fomenta o mais-gozar que convém. Observa-se, assim, que essa definição se estrutura com base na consideração de que o casamento do ser falante com o falo, ou, mesmo, do gozo que dele resulta, é rechaçado em nome de sua forte ligação com o gozo de sentido que incide sobre o órgão peniano.

Na clínica, para se manusear tal definição, impõe-se avaliar a droga como um fator de separação do casamento do pênis e não, do falo. Em outras palavras, o toxicômano é um sujeito que permanece casado com o *gozo de sentido* que gravita em torno do órgão, em razão de ele não ter contraído um laço possível com o falo. É preciso, pois, não confundir o falo com o órgão peniano, bem como, mais ainda, com qualquer representação imaginária ou ideia de que é, naturalmente, um privilégio masculino. Como função, o falo é um operador, um significante do gozo, destinado a designar, parcialmente, os efeitos do gozo sobre o corpo. Trata-se de um significante assemântico, que não significa *nada* e apenas como encarnação do *nada* pode operar favoravelmente no momento da iniciação sexual, oportunidade em que o sujeito se depara com o mistério do Outro sexo.

Em comentário a *O despertar da primavera*, Lacan propõe que a iniciação sexual é mais favorável à vida, quando, levantado o véu, revela-se esse *nada* inerente ao falo.* Concebe-se esse *nada* em contrapartida ao que irrompe, na adolescência, como índice da viabilização do gozo fálico, que se articula com o saber, com a palavra. Se o toxicômano é marcado pela ruptura fálica que se exprime na sua dificuldade em lidar com o gozo do corpo, isso decorre do fato de que, em função de seu apego ao *gozo do sentido* em torno do faz-xi-xi [Wiwimacher], esse *nada* não tem lugar. A ruptura fálica equivale, assim, ao excesso de sentido que se produz no momento do encontro com o Outro sexo, um excesso pertubador da iniciação sexual, que obstrui quando deveria se apresentar enigmático e sem sentido no gozo sexual.

APLICAÇÃO EPISTÊMICA DA PSICOSE ORDINÁRIA À TOXICOMANIA

Assinale-se, ainda, que a clínica da ruptura fálica presente nos fenômenos decorrentes do uso toxicomântico da droga não se deduz diretamente da forclusão do Nome do Pai, mesmo porque, caso assim fosse, se poderia estar diante de fenômenos típicos das psicoses, a saber, o delírio e a alucinação. Pode-se dizer que a ruptura fálica emana da própria lógica de funcionamento do gozo e que, por razões concernentes ao impacto contingente do significante no corpo, é vedado ao sujeito o gozo que convém à inexistência da relação sexual. A tese da ruptura fálica como fator dominante nas toxicomanias exemplifica uma inversão na ordem dos fatores característica da atualidade clínica – ou seja, não se pensa mais o furo na significação fálica apenas como consequência do furo do Nome-do-Pai.

Ao contrário, o Nome-do-Pai torna-se um predicado do modo como o sintoma e a função fálica organizam e ordenam o gozo para o sujeito. Segundo Miller, ele deixa de ser o nome próprio de um elemento particular chamado Nome-do-Pai. É o que se apresenta mediante a pergunta: o sujeito tem o Nome do Pai ou há forclusão deste? Hoje, o Nome-do-Pai não é mais um nome, mas o fato de ser nomeado, de lhe ser atribuída uma função ou, como afirma Lacan, de ser “*nomeado para*” (MILLER, 2012, p.413). Em suma, o Nome-do-Pai não é mais um nome-próprio e torna-se, segundo definição da lógica simbólica, um predicado relativo ao furo da

significação fálica:

NP (X) —> X = ruptura fálica

A meu ver, essa formulação aproxima o *novo sintoma*, característico da toxicomania, do campo das chamadas psicoses ordinárias, no sentido de que a satisfação obtida com a droga, bem como por meio de outras modalidades de um fazer com o corpo – caso, por exemplo, das tatuagens –, pode funcionar como um “*substituto substituído*” (MILLER, 2012, p.412). Se o Nome-do-Pai é um substituto do desejo da mãe, pois impõe sua ordem ao gozo desta, a droga pode se revelar um “*substituto substituído*”. Em outros termos, a droga pode ser um Nome-do-Pai na relação que o sujeito tem com seu corpo. Dizer que essas técnicas de corpo – entre outras, as drogas e as tatuagens – podem ser “*substitutos*” do Nome do Pai é um maneira de traduzir o que vem a ser esse significante tomado como predicado. O que se mostra ser método de curto-circuito na sexualidade inerente à satisfação tóxica é muito mais, nos termos de Miller, um “*fazer-crer compensatório*” (MILLER, 2012, p.411) [*compensatory-make believe*] do Nome-do-Pai, no sentido de que torna possível alguma solução para as desordens do gozo na vida de um toxicômano. Desde essa clínica do “*fazer-crer compensatório*”, valoriza-se a continuidade entre os territórios da neurose e da psicose, enfatiza-se o que os faz contíguos, dois modos de responder a um mesmo real, pois se trata, sob esse ponto de vista, não de estabelecer fronteiras senão de constatar enodamentos, grampeamentos, desconexões, desatamentos entre fios que estão em continuidade.

Nesse sentido, quando faço referência à psicose ordinária, não pretendo equacionar a querela diagnóstica que, historicamente, se abateu sobre a toxicomania. Como se sabe, tal enfoque clínico já esteve sob os auspícios de estados melancólicos e maníacos, ou de uma psicose renomeada sob a imprecisão do termo “*psicopatia*”, ou de uma perversão transformada na época – uma perversão moderna –, ou de uma neurose obsessiva atualizada pela releitura da presença, nela, do masoquismo e, principalmente, de estados narcísicos e límitrofes, ou *boderlines*. Já se tentou, inclusive, fazer da toxicomania uma modalidade própria de discurso. Enfim, não se trata de considerá-la uma categoria clínica objetivável, que elimina o lado enigmático e obscuro que pesa sobre esse tipo de sintoma. Trata-se de tomar a psicose ordinária, como sugere Miller, como uma categoria mais epistemica que diagnóstica e, portanto, concerne à maneira atual de reconhecer a presença da ruptura fálica na prática toxicomaníaca da droga. Ela interessa ao fazer clínico cotidiano e alimenta a possibilidade de se apreender o sujeito toxicômano em tratamento. Pode-se dizer que a psicose ordinária é o único modo de verificar o fato fundamental da técnica de corpo com a droga, que se aprende a cravar no cerne do sintoma toxicomaníaco; de pôr à prova do real as soluções compensatórias que, em suma, se depreendem da ruptura fálica; de confrontar o real que não cessa de não se escrever em cada caso, que, no fundo, se confunde com a própria estrutura da prática analítica, estrutura que se põe à luz no fenômeno da transferência.

Referências Bibliográficas:

- LACAN, J. Radiofonia. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 400- 447
 MILLER, J.-A. Uma fantasia. *Opção Lacaniana*. São Paulo: Eolia, fev 2005, nº 67, p. 13.

- LACAN, J. *O Seminário*, livro 17: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1992, p. 93-189.
- LACAN, J. Televisão. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 508- 543.
- LACAN, J. Estou falando com as paredes. Zahar: Rio de Janeiro, 2011. p. 88.
- LAURENT, E. El objeto a como pívote de la experiencia analítica. *Lo inclasificable de las toxicomanías*. Buenos Aires: Grama, 2008, p. 15.
- MILLER, J.-A. El partenaire-síntoma [1997-98]. Buenos Aires: Paidós, 2008. p. 329.
- LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível de uma psicose. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 537- 590.
- MILLER, J.-A. Clôture. Les toxicomanes et ses thérapeutes – GRETA, Analytica, Paris: Navarin, 1989, p. 136.
- LACAN, J. *O Seminário*, livro 20: Mais ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 81-83.
- MILLER, J.-A. Efeito do retorno à psicose ordinária. A psicose ordinária. Belo Horizonte: Scriptum, 2012, p. 413.

Notas

* “Que o véu levantado não mostre nada, eis o princípio da iniciação (nas boas maneiras da sociedade, pelo menos).” (LACAN, J. Prefácio a *O despertar da primavera*, de Frank Wedekind. *Outros escritos*, op. cit., p. 558). Para saber mais a esse respeito, ver SANTIAGO, Jésus “O nada e o véu do saber sobre o sexo” (não publicado).



ENTREVISTA COM FABIÁN NAPARSTEK

INTERVIEW WITH FABIÁN NAPARSTEK

Psicanalista, Membro da Escuela de Orientacion Lacaniana (EOL) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), Analista da Escola (AE) no período de 2002 a 2005

Psychoanalyst, Member of EOL and WAP, Analyst of the School from 2002 to 2005

Resumo: “a idéia de ‘enganches e desenganches’ com o Outro é fantástica para pensar as toxicomanias, independentemente da psicose ordinária”.

Palavras chave: toxicomania, psicose, ligamentos e desligamentos

Abstract: “The idea of ‘hooks’ and ‘shutdowns’ with the Other is fantastic to think drug addictions, independently of ordinary psychosis”.

Keywords: drug addiction, psychosis, hooks and shutdowns

Marcos Fina: A idéia é fazer-lhe algumas perguntas sobre a articulação, se é que se pode dizer assim, entre toxicomania e psicose. Como disparador do tema, peço a você para dizer algo sobre a “tese de ruptura” ou “formação de ruptura” citada por Éric Laurent, referente à famosa frase de Lacan “A droga permite romper o matrimônio com o falo” (LACAN, 2016, p. 21).

Fabián Naparstek: A primeira questão é o binômio “toxicomania-psicose”, e vale a pena dizer que é isto que todo o mundo reconhece. Eu creio que se trata de um trabalho, de uma elaboração coletiva, a de colocar que a toxicomania pode ter um lugar na neurose, na psicose ou na perversão. Hoje isto é o ABC, e muitos psicanalistas – tanto de Orientação Lacaniana, embora não sejam do Campo Freudiano, como freudianos ou lacanianos da nebulosa, etc.– o dão por certo, porém para isto faltou fazer um trabalho e vale a pena enfatizá-lo, pois não era óbvio. Trabalho que fez o TyA desde o começo. A segunda questão é que houve uma época dentro do Campo Freudiano onde se ligou mais a toxicomania à perversão, de um toxicômano que se excede e que passa os limites, com certos episódios perversos a partir do consumo, episódios que podem ocorrer em qualquer das estruturas, poderia ser uma neurose, uma psicose ou mesmo uma perversão. Isso também vale a pena enfatizar porque foi toda uma época da elaboração que se fez dentro do Campo Freudiano, também existem trabalhos sobre o assunto, que eu recordo Bernard Lecoeur, Hugo Freda, e Jésus Santiago, que tem uma questão em torno disto em sua tese de doutorado (PACHECO, 2016, p. 44). Quer dizer que há todo um trabalho no Campo Freudiano sobre a questão da toxicomania e a perversão. Com relação à toxicomania e à psicose temos uma grande quantidade de trabalhos e casos clínicos porém, efetivamente – agora sim vou a este ponto da sua pergunta–, é Éric Laurent quem alerta, não tanto sobre o que acontece na toxicomania e na psicose, senão que a tese da ruptura não poderia servir para os casos de psicose, que pode ser uma tese muito boa para a neurose. Em contrapartida, na psicose partimos da idéia de que algo já está desligado desde o início. Então, como colocar uma ruptura? Esta colocação de Éric Laurent está em um texto que creio ser do ano de 1994 e está publicado numa das primeiras *Pharmakon* (LAURENT, 1995). O que aparece no horizonte é como pensar

o laço das toxicomanias com a psicose supondo que entendemos o que implica a ruptura com o falo, e dizemos: Bom, isso está muito bem, mas é muito bem para a neurose. Agora, qual é o laço próprio da psicose e da toxicomania? Neste texto (LAURENT, 2014) ele dá alguns exemplos, são vinhetas que mostram como há um laço, um enodamento, por exemplo, do consumo com o delírio. Depois temos trabalhos – eu mesmo em minha tese de doutorado o citei, onde há toda uma parte na qual trabalho especificidades da toxicomania com a paranoia ou com a esquizofrenia– onde a droga pode cumprir uma função de enodamento em torno de um delírio ou, no caso da esquizofrenia, como um remédio que o sujeito toma para aplacar a invasão de gozo.

MF: Justamente nestes casos Éric Laurent diz que não seriam toxicômanos porque, ao menos nos exemplos que apresenta, utilizariam o tóxico como função de laço com o outro (LAURENT, 2014).

FN: Está bem, então o problema seria como definimos a toxicomania. Os colegas belgas do Campo Freudiano têm uma tese muito forte: o verdadeiro toxicômano é psicótico. Quer dizer, que levado por esta linha histórica que transcende um pouco nossa elaboração no Campo Freudiano, onde primeiro foi desligar a toxicomania das estruturas, depois trabalhar a toxicomania e a perversão e em seguida desvincular a possível toxicomania numa psicose da teses da ruptura. Existem alguns psicanalistas do nosso Campo que enfatizam que a verdadeira toxicomania se dá na psicose, com certas ressalvas que há de se fazer, pois temos uma prática de consumo toxicômano bem diferente na Europa e na América do Sul e, especialmente, o que tem marcado essa diferença é a prática de injetar-se algumas substâncias de forma intravenosa, que não é uma prática habitual na América do Sul, embora exista. O tipo de prática que se realiza muda um pouco a questão sobre a quê nos referimos quando marcamos a linha divisória entre o que seria um verdadeiro toxicômano e outro que não é, porém, em todo caso, alguém poderia distinguir estes campos sem chegar à definição do que seria um verdadeiro toxicômano. Teríamos que fazer um seminário inteiro sobre isso. Mauricio Tarrab dizia que o verdadeiro toxicômano é como o Yeti: todo mundo fala do Yeti, podem ir buscá-lo na Antártida, mas onde está? Poderíamos dizer que alguns usam a droga para fazer laço com o Outro e outros a usam para separar-se do Outro. Temos outros usos, porém existem ao menos dois usos da droga. Agora, isso acontece em qualquer estrutura. Na psicose, alguém pode usar a droga para fazer laço com o Outro e às vezes separar-se do Outro. Para citar os termos que Miller usa em *As psicoses ordinárias*: ligamentos e deligamentos. Alguém pode fazer uso da droga para ligar-se ao outro mas, nesse uso maníaco, termina desligando-se do outro, muito mais além de aparecer como um ligamento.

MF: Em uma aula sua publicada (NAPARSTEK, p. 41) você destaca o permite, dando a entender que pode ser que se produza o desligamento ou não com o falo ou com a significação fálica.

FN: Sim, Miller disse especialmente com o Outro, que não é só com o falo, é com o Outro sexual, em seu texto *Para uma investigação sobre o gozo autoerótico* (MILLER, 2016, p. 25). Ali coloca que tinha que falar do desligamento e utiliza uma referência francesa, que é a de uma “insubordinação ao Outro sexual”, diz Miller, porque é uma referência a algo que faziam os jovens franceses, especialmente na época para se safar do serviço militar. Antes de irem se picavam nos braços, não eram toxicômanos necessariamente, porém se picavam, então quando iam para a inspeção médica, os médicos os viam com os braços picados e se fosse determinado que eram toxicômanos, ficavam fora do serviço militar. Então o chama insubordinação ao Outro sexual. É intere-

sante porque tem algo de ficar fora do Outro, de não aceitar as leis do Outro, de um rechaço ao Outro radical. Agora, a meu ver a idéia milleriana de “ligamentos e desligamentos” com o Outro é fantástica para pensar as toxicomanias, independentemente da psicose ordinária. Ruptura parte da idéia de que existe algo previamente ligado, por isso a ruptura com o pequeno pipi. Porém, falar de ligamentos e desligamentos e dizer o Outro sexual é muito mais amplo, permite abarcar uma gama de fenômenos muito mais amplo e mais sutil que a de ruptura com o falo ou com o que faz pipi.

MF: A idéia de ruptura está mais relacionada com a primeira clínica de Lacan, enquanto que a idéia de ligamentos e desligamentos está mais alinhada com uma perspectiva onde a primazia do simbólico já não é eficaz e que em todo caso a função do Nome-do-Pai é uma entre outras para tramitar ou regular o gozo.

FN: Sim, fazendo a ressalva de que essa indicação lacaniana é bastante tardia, de 1974. É a última de Lacan. Seria necessário precisar a que se refere com ruptura do corpo com o pequeno pipi, essa é a referência. Porém, parece-me que ajustando-o à idéia de Miller de falar de ligamentos e desligamentos, dá uma maior amplitude, tendo em conta que a ruptura com o falo pode acontecer mais além de que esteja instalado o Nome-do-Pai, essa é a idéia de Lacan de P_0 e Φ_0 , isso teria que desenvolvê-lo. Porém, me parece que essa clínica dos ligamentos e desligamentos é muito útil para a toxicomania mais além da estrutura, especialmente na psicose. A meu ver amplia a clínica e a faz mais sutil. Por outro lado, pensar na clínica desta maneira é uma advertência central. Por que vamos tocar no consumo de uma pessoa sem saber que função cumpre? A prudência é necessária para um analista ao diagnosticar, não somente neurose, psicose e perversão, verificando que função tem esse consumo para essa pessoa antes de pedir uma abstinência em nome de não se sabe quem, quando talvez esse consumo tem o valor de enodamento que não necessariamente tem que tocar.

MF: Pode-se pensar a estrutura a partir da função de consumo?

FN: Bem, é o que na tese também está colocado. Tenho uma posição contrária a certa história da psiquiatria que tem enfatizado – e certos psicanalistas também – que o consumo esconde a estrutura, especialmente porque, por exemplo, o consumo de cocaína gera certos delírios persecutórios, com isso não se sabia se eram delírios persecutórios devido ao consumo ou porque era um paranóico. A meu ver isso funciona ao contrário: se se consegue identificar qual é a função da droga no sujeito, aí se encontra a estrutura. Isso não quer dizer que seja simples, o que estou colocando não é que em duas sessões identificamos a estrutura. À vezes pode ser difícil e levar muito tempo, porém, a função da droga se liga à estrutura. Então, se alguém consegue identificar isso, também fornece um dado central na estrutura; o que é claro é a prudência necessária para com qualquer toxicômano antes de reduzir ou tirar-lhe a droga, pedir-lhe uma abstinência que às vezes pode levar ao pior. De preferência, como coloca Lacan, a abstinência tem que ser a abstinência do analista.

MF: Como pensamos psicose e toxicomanias, quando nos referimos a psicoses não desencadeadas ou psicoses ordinárias?

FN: Um dado que me parece central para orientar-nos nisto, especialmente na época atual, é a variação que coloca Miller a respeito do gozo. Miller fala da omnipresença do gozo na época atual. Poder-se-ia distinguir

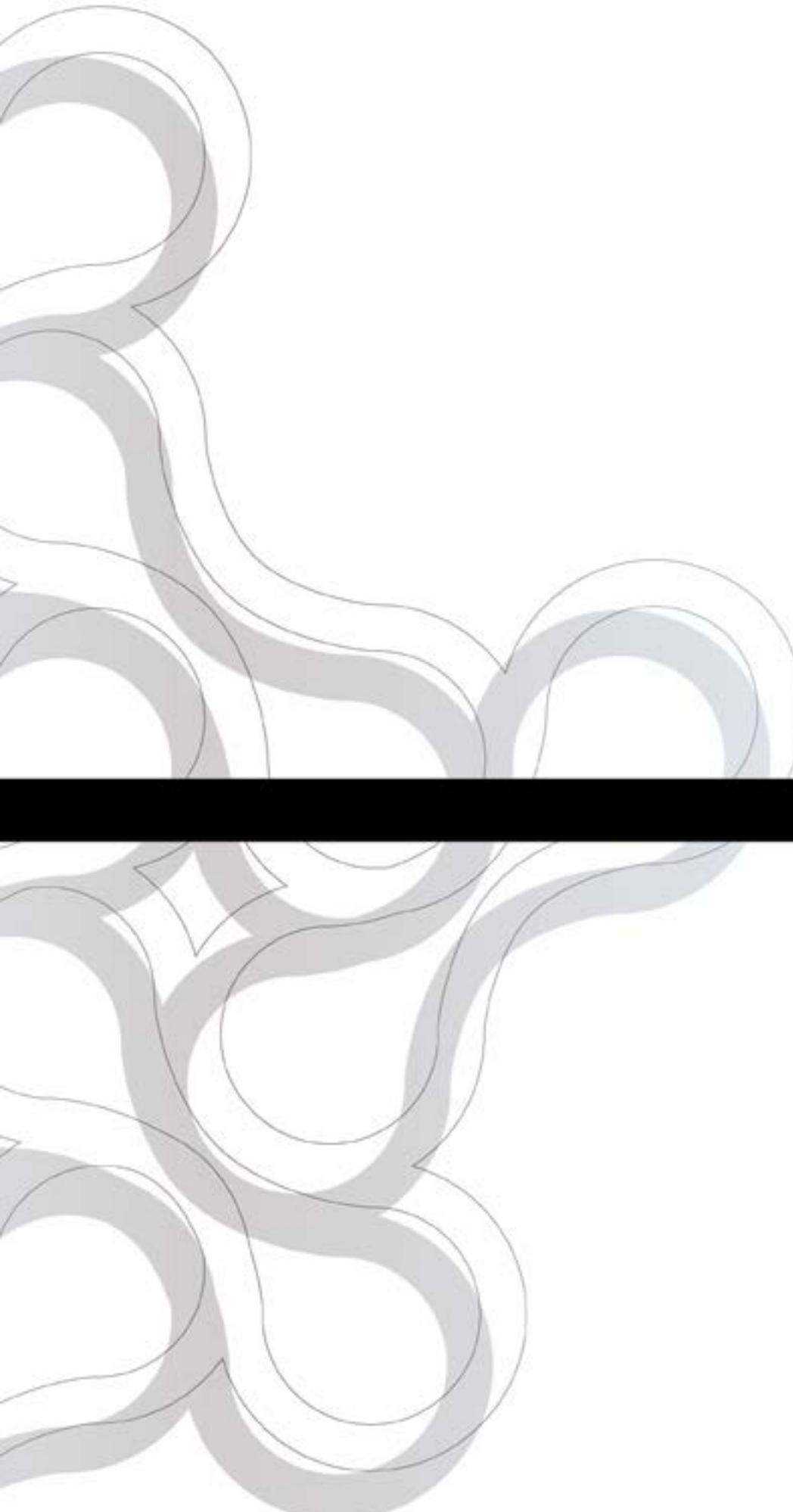
uma época do Nome-do-Pai onde encontramos um gozo localizado, o Nome-do-Pai é uma espécie de localizador do gozo que determina onde sim, onde não, e depois temos todas as variantes que pode fazer um sujeito com isso: se goza da transgressão, se goza do *status quo*, o que seja. E na época atual temos esta omnipresença do gozo, onde ele está por todos os lados. Neste sentido, poder-se-ia dizer que em alguns casos a droga seria uma maneira de localizar o gozo. Se há gozo quando se consome, isso daria uma alternância: gozo consumido, e quando não se consome não há gozo, porém, por sua vez isso pode irromper por todos os lados, e a demanda que às vezes temos de certos sujeitos de localizar, de canalizar isso. Ver-se-á que temos elementos na estrutura ou com que ferramentas contamos para poder localizar esse gozo, para cerni-lo.

Tradução: Maria Célia Kato

Revisão: Márcia Mezêncio

Referencias bibliográficas:

- LACAN, J.: Encerramento das Jornadas de Estudo de Cartéis da Escola Freudiana, in *Pharmakon Digital* 2, 2016.
- PACHECO, L.: A ruptura com o gozo fálico e suas incidências no uso contemporâneo das drogas, in *Pharmakon Digital* 2, ano 2016.
- LAURENT, É., in *Sujeto, goce e modernidad I. Fundamentos de la clínica*. Buenos Aires, 1995.
- LAURENT, É. *Três observações sobre a toxicomania*, in Tratamento possível das toxicomanias . Márcia Mezêncio, Márcia Rosa, Maria Wilma Faria, orgs. Instituto de Psicanálise de Minas Gerais – Belo Horizonte: Scriptum, 2014. Republicado neste número de *Pharmakon Digital*.
- El Yeti: o abominável homem das neves. [Nota do entrevistador]
- NAPARSTEK, F. “Psicosis ordinarias y toxicomanias”, in *Psicoanálisis aplicado a las toxicomanias*, Jacques A. Miller e otros. Buenos Aires, Gráfica MPS, 2003, pág. 41: “Trata-se da idéia que a droga permite romper com o falo. Sublinho o permite porque deixa aberta a possibilidade de que se consiga ou não, e não quer dizer que ocorra sempre”. [Nota do entrevistador]
- MILLER, J.-A. “Para uma investigação sobre el gozo autoerótico”, in *Pharmakon Digital* 2, 2016.



PHARMAKON
CLÁSSICOS

TRÊS OBSERVAÇÕES SOBRE A TOXICOMANIA* THREE OBSERVATIONS ON DRUG ADDICTION

Éric Laurent (Paris, França)

Analista Membro da Escola (AME) da École de la Cause Freudienne (ECF) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP)

Analyst Member of the School of ECF and WAP

Resumo: “A utilização de tóxicos leva a pensar que pode haver produção da ruptura com o gozo fálico, sem que haja, portanto forclusão do Nome-do-Pai. Esta é a consequência da tese, sustentada até o extremo, que o tóxico não existe, ou que a toxicomania não é um sintoma”.

Palavras-chave: Gozo fálico, gozo uno, toxicomania, psicose

Abstract: “The use of drugs leads us to think there may be a break with the phallic jouissance, without forclusion of the Name-of-the-Father. It's the consequence of the thesis, sustained to an extreme, that the toxic doesn't exist, or that drug addiction is not a symptom”.

Keywords: Phallic jouissance, One jouissance, drug addiction, psychosis

Quando falamos de toxicomania, transportamos com este termo uma clínica de outra época, aquela das monomanias de Esquirol. No entanto, não devemos esquecer que nos situamos hoje num contexto inteiramente novo, de algum modo próximo, como nos lembra Demoulin, daquele que Freud viu surgir sob seus olhos, mas numa escala diferente.

Estamos num contexto onde uma das potências mais eficazes e a mais empírica do mundo, os Estados Unidos, declarou uma guerra total à droga, e onde um pequeno país, a Colômbia, se encontra praticamente nas mãos de um certo número de traficantes. O que quase aconteceu na Europa, na Sicília, mais precisamente, não tão longe de nós - ou seja, que um estado esteja sujeito a um bando de malfeitores - está em vias de acontecer na Colômbia, que sozinha, exporta o mesmo, em valor, que toda a América Latina menos o Brasil, unicamente exportando seu tóxico.

Então quando falamos hoje numa escala fenomenal, jamais vista na história, é isso que faz com que o contexto seja inteiramente novo. Vemos publicações como o muito razoável *The Economist*, uma publicação conservadora, por seu liberalismo econômico, advogar fortemente pela legalização da droga, simplesmente porque seus redatores são consequentes com seus princípios. O princípio deles é que um tóxico conseguiu se identificar absolutamente com as leis do mercado e que se podemos tratá-lo agora segundo estas leis, quer dizer diminuir o benefício tendencioso, é preciso legalizá-la, para que a droga não dê mais lucro a ninguém. E é a única forma de reduzir os danos. Estas proposições foram feitas há 6 meses**, pela primeira vez, em meio a uma série de grandes apostas sobre este ponto.

É uma data. Uma data na medida em que pela primeira vez na história, uma substância tóxica consegue identificar-se perfeitamente com as leis utópicas de um mercado, o que nenhuma droga legal até agora conseguiu, nem o álcool, nem o tabaco, que continuaram perfeitamente controlados pelo estado. A forma “Estado”, seja no Mundo Antigo ou no Novo, controlou, com legislações bastante estritas, as quantidades da produção.

Aqui na Europa, sabemos que o excedente de álcool é um tema que se resolve muito tranquilamente e que não ocasiona nenhum transtorno ao Estado. Temos assim uma data que introduz o estupefaciente numa ordem que Freud não viu se desencadear.

Em seu ensino, não se pode dizer que Lacan tenha considerado que a psicanálise tenha muito a dizer sobre a droga, porque no fundo, percorrendo-o do início ao fim, encontramos apenas algumas frases, mas nos dá de algum modo nos anos 70, esta indicação maior: “a droga, única forma de romper o matrimônio do corpo com o pequeno-pipi”; dizemos: com o gozo fálico. É uma indicação preciosa. Além disso, ela suporta, creio, toda uma reflexão que muitas pessoas que se ocupam de toxicômanos fizeram, a de considerar que a toxicomania não é um sintoma no sentido freudiano e que a toxicomania não é consistente. Nada na droga nos introduz a outra coisa que não seja um modo de ruptura com o gozo fálico. Não é uma formação de compromisso, mas uma formação de ruptura. Abre-se o problema de como escrever a ruptura com este gozo fálico: escreveremos ϕ_0 ou Φ_0 ?*** Como vamos determinar, diferencialmente, se trata-se de novo modo de gozo, ou de um buraco de gozo?

Efetivamente, esta expressão “ruptura com o gozo fálico”, Lacan a introduz também para a psicose – onde ele anota Φ_0 , como consequência da ruptura, ruptura da identificação paterna, dizia Freud, e para Lacan, da função do Nomes-do-Pai, que ele escreve P_0 . No lugar onde os Nomes-do-Pai produzem a significação fálica do que é dito, temos na psicose esta dupla de termos: P_0 e Φ_0 , e Lacan se pergunta, em um dado momento se um não implicaria necessariamente o outro, ou se pode haver um sem o outro.

Para a psicose não sei. Mas, seguramente a utilização de tóxicos leva a pensar que pode haver produção desta ruptura com o gozo fálico, sem que haja, portanto forclusão do Nome-do-Pai. Esta é a consequência da tese, sustentada até o extremo, que o tóxico não existe, ou que a toxicomania não é um sintoma.

A tese de Lacan a propósito da toxicomania é, pois, uma tese de ruptura. Sua breve observação, nesse sentido por mais breve que ela seja, é, no entanto, uma tese que engaja forçosamente toda sua teoria do gozo, assim como a do lugar do pai e o futuro do Nome-do-Pai em nossa civilização.

A contrario, em contraponto, digamos, dessa ruptura, farei notar que me ocorreu encontrar toxicômanos psicóticos. Pessoas que não se apresentam sob o modo “eu sou toxicômano”. Eles são outra coisa, mesmo se entre outros, tomam um certo número de tóxicos. Encontrei um no hospital, ele estava ali por um assunto de família. Ele faz notar que a questão em sua família era a herança. Como era uma família camponesa, ele repetia todo o tempo “la question c'est les terres” (“a questão são as terras”). E este homem era viciado em éter****. Aí estava claro que o gozo da substância, o éter, que se escreve de outra maneira, o éter que ele inalava, vinha no lugar, era o retorno no real deste gozo extraído do Nome-do-Pai, que era para ele a herança das terras.

Outro sujeito perturbado transportava a droga em uma quantidade de circuitos; era paranoide, então perfeitamente adaptado ao meio dos traficantes, temos que dizê-lo. Ele se sentia perseguido permanentemente. Efetivamente, ele era seguido pela polícia já há alguns anos. A grande lembrança que tinha de seu pai, um impressor, morto quando era jovem, era a imagem de seu pai rodeado de um pó branco que deixava o papel recentemente cortado pela máquina de triturar. Temos o mesmo fenômeno que no primeiro caso: no lugar de um

traço de identificação ao pai, um gozo no real. Ele também se rodeava de um pó branco, outro, um que permite não identificar-se, mas gozar.

Digo que este exemplo me parece *a contrario* porque estes sujeitos não são toxicômanos. Eles formam seguramente parte das manias de Esquirol, as monomanias – são delírios parciais – mas seguramente não são toxicômanos. O gozo deles está perfeitamente limitado, e mais ainda, eles escapam às leis do mercado. Porque eles querem algo preciso. Enquanto a maior parte daqueles que chamamos toxicômanos justamente não querem nada de preciso. É o que constitui o drama da alfândega e da polícia porque segundo as chegadas de mercadoria, segundo as zonas de produção, um tóxico é substituído por outro, em todo caso, em uma muito grande família de derivados dos opiáceos e da cocaína. Bastou que em Medellín se invente o crack para que três meses depois este produto imponha a lei sobre o mercado de Los Angeles.

Aparentemente aquele que se entrega aos estupefacientes é indiferente ao que toma. Toma o que há. Não assistimos neste domínio a reivindicações sobre o tema “Dê-nos nossa droga de antes”. Não é como a Coca Cola: quando ela muda, uma associação de defensores da Coca Cola clássica se levanta: “Dê-nos nossa Coca Cola clássica”. Enquanto aqui o sujeito toma o que se lhe apresenta. E é um drama porque quando a polícia chega a eliminar certos mercados abertos, zonas de produção, outra se apresenta imediatamente, e no fundo isso continua. A idéia é justamente que a ruptura com o gozo fálico suprime as particularidades.

A primeira consequência, então, da pequena frase de Lacan, é a ruptura com o Nome-do-Pai fora da psicose. A segunda consequência que se pode extrair é de uma ruptura com as particularidades da fantasia. Ruptura com isso que a fantasia supõe o objeto de gozo na medida em que ela inclui a castração. É por isso que podemos sustentar com muita segurança que o toxicômano não é um perverso. Não é um perverso porque a perversão supõe o uso da fantasia. Ela supõe um uso muito específico da fantasia. Enquanto a toxicomania é um uso do gozo fora da fantasia: ela não toma os caminhos complicados da fantasia. É um curto circuito. A ruptura com o “pequeno-pipi”, como diz Lacan, tem como consequência que se possa gozar sem a fantasia.

E mesmo que o *The Economist* tenha querido legalizar as drogas, não parece que se possa esperar maravilhas de uma medida parecida. Porque para legalizar faria falta que o sujeito estivesse concernido pelo fato de que seja legal ou ilegal. Não creio absolutamente - se tomamos como definição da toxicomania “a ruptura com o gozo fálico” - que se possa sustentar que o ilegal seja uma atração para o toxicômano enquanto tal. Para certos toxicômanos pode ser. Isso interessa seguramente aquele que vende sua substância porque isso permite aumentar o preço, mas o toxicômano ultrapassou o ponto onde “legal” e “ilegal” querem dizer alguma coisa.

Quando no Seminário sobre a Ética da Psicanálise o Dr. Lacan diz que “só a Lei nos torna desmedidamente pecadores”, isso supõe que aquele que é desmedidamente pecador, aquele que quer sê-lo, aquele que se interessa pela transgressão, não tenha rompido com o gozo fálico. É inclusive como suplência à inadequação do órgão-símbolo que ele se apóia sobre a lei, para fazer de seu gozo peniano algo fálico. E ainda tornando-se desmedidamente pecador, faz-se o objeto absoluto, se é perverso. Parece-me que implica tomar a sério a observação em que Lacan indica que ele vai mais além do Ideal.

Legalizar a droga tem como consequência apenas querer tratar este flagelo social pelas leis do mercado. Por

que não? Mas temos que reconhecer que se limita apenas a isso.

Terceira observação: Parece-me que se pode tratar a toxicomania como o surgimento em nosso mundo de um gozo uno. Enquanto tal não sexual. O gozo sexual não é uno, está profundamente fraturado, não é apreensível senão pela fragmentação do corpo. Enquanto na toxicomania se apresenta como único. Neste sentido está seguramente o futuro. A relação de nossa civilização ao gozo se dará em torno desse ponto.

Interrogado em 1973 sobre as questões preocupantes do futuro, do ponto de vista da psicanálise, Lacan em *Televisão*, retomando o que tinha dito na conclusão de um congresso sobre a infância alienada, assinalava que o que o preocupava era o crescimento do racismo. Em 1973 essa poderia parecer uma consideração estritamente inatual. Não existia o “fenômeno Le Pen”*****. Nossos pensadores despertavam ainda da embriaguez de maio de 1968. A ordem do dia eram frouxas considerações sobre a liberdade sexual e seus perigos. Grossso modo. E Lacan faz ouvir este som discordante: o grande problema do futuro será esse.

Quinze anos depois estamos infelizmente muito próximos do que ele enunciava. Ele enunciava isto: que em nosso universo de mercado comum, não há apenas a forma “mercado” que unifica os gozos incomensuráveis um ao outro. No fundo o que não suportamos no Outro, é um gozo diferente do nosso. Os ingleses reprovam os franceses que comem rãs, resumindo ali os séculos de inimizade e também de acordos cordiais, os vietnamitas reprovam os chineses que comem cães – é uma injúria especialmente preciosa que resume ela também inimizades extremamente sólidas. Um não suporta o gozo ao qual o outro tem acesso: o gozo da rã, o gozo do cão.

E as drogas tem sido efetivamente a introdução de gozos exóticos sucessivos. A guerra colonial mais paradigmática, a guerra do ópio, foi a imposição pelos ingleses aos chineses do ópio produzido em Bengala a preços inferiores. O que provocou uma epidemia de ópio, um consumo fora de todo limite do ópio na China. Deste ponto de vista o haschich, os opiáceos e a cocaína são a integração do mercado único dos gozos.

E no fundo, sobre este mercado único dos gozos, parece-me que o estupefaciente, se me permitem este atalho, é a outra cara do racismo.

O racismo é o insuportável do gozo do outro. E a forma “Estado” do discurso do mestre deve tentar fazer tão bem como o fez o Império Romano, fazer coexistir gozos perfeitamente diferentes. Quando a religião tornou-se teocrática quer dizer governada pela forma império, mesmo a religião do Deus único podia fazer coexistir gozos diferentes.

Esta via está fechada. Como a forma “Estado” poderá fazer coexistir gozos diferentes sem que se suscite estes fenômenos de ódio racial, é o que está em jogo de forma decisiva. Parece-me que para além da forma “Estado”, o mercado único coloca-se na perspectiva do gozo uno, mais além destes gozos diferentes. É o que faz com que um só país possa ser o produtor de droga para o universo inteiro e produzir uma quantidade suficiente de estupefácia: não há nenhum obstáculo industrial a isso, a cocaína pode se produzir em quantidade suficiente para satisfazer o consumidor mundial.

Neste sentido é seguramente em outra forma do futuro que a psicanálise tem algo a dizer. É certo, pois, como fez notar Hugo Freda, é o discurso o que, para além da censura, tenta manter o sujeito na via do desejo, única via que pode dar limite ao gozo.

Tradução: Lúcia Grossi dos Santos

Revisão: Elisa Alvarenga

Notas:

* “Trois remarques sur la toxicomanie”, Quarto 42, Bruxelles, déc.1990, p.69-72.

** Nota da tradutora (N.T.): Lembremos que esta Conferência foi pronunciada em dezembro de 1988 em Bruxelas.

*** N.T.: Trata-se aqui das letras gregas *fi* minúsculo e *Fi* maiúsculo para diferenciar o falo imaginário do falo simbólico. Ou seja, essa ruptura se escreveria como ausência de inscrição do falo imaginário ou do falo simbólico?

**** N.T.: Em francês há uma homofonia entre *les terres* e *l'éther*.

***** N.T.: Laurent refere-se aqui ao crescimento da extrema direita francesa, com ideais xenofóbicos e racistas do tipo : “A França para os franceses”, cujo representante nas eleições presidenciais foi Le Pen.



PHARMAKON[®]

TEXTOS TEMÁTICOS

A MARCA DA AUSÊNCIA

THE MARK OF THE ABSENCE

Ernesto Sinatra (Buenos Aires, Argentina)

Psicanalista Membro da EOL e da AMP. Fundador do TyA (1992) e da Rede Internacional TyA (1996). Co-Diretor do Departamento TyA. Presidente do VIII ENAPOL

Psychoanalist Member of EOL and WAP, Founder of TyA (1992) and of TyA International Net (1996), Co-Director of TyA Department, President of the VIII ENAPOL

Resumo: Ernesto Sinatra localiza no estado atual da civilização o objeto droga como paradigmático. Dá conta de como o empuxo ao gozo da época disfarça a reconhecida voracidade do supereu, resultando no confronto do indivíduo com a marca do impossível. Destaca a necessidade de precisar, caso por caso, a função do tóxico, que será localizada por meio de um circuito, na transferência. Na especificidade da psicose nos brinda com a formalização de um caso, em análise. O que dá ao analisante a possibilidade de contar com um artefato sinthomático, que faça dique ao gozo mortífero.

Palavras chave: Droga, civilização, função do tóxico, supereu, gozo, psicose, artefato sinthomático.

Abstract: Ernesto Sinatra situates the drug object as paradigmatic in the actual state of civilization. He demonstrates how the push to jouissance disguises the recognized voracity of the superego. The individual is thus confronted with the mark of an impossible. He outlines the necessity of defining, in each case, the function of the toxic, under transference. A case of psychosis shows the possibility of counting with a symptomatic artifact, which contains the mortifying jouissance.

Key words: Drug, civilization, function of the toxic, superego, jouissance, psychosis, symptomatic artifact.

INTRODUÇÃO: O QUE NÃO SE PODE

É bastante evidente para todos, ou ao menos deveria sê-lo, que as drogas condensam um objeto paradigmático no estado atual da civilização: o mercado as produz como resposta à crescente insatisfação dos indivíduos com suas condições de vida.

Lícitas ou ilícitas, desde sempre há drogas para exaltar e/ou para anestesiar, para excitar ou acalmar, inclusive mais recentemente há drogas que se usa para enlaçar-se ao outro, para senti-lo realmente, para poder alcançá-lo. Da fluoxetina ao ecstasy, elas prometem distintas formas de felicidade química para relacionar-se com o semelhante por meio de doses repetidas, sempre ao alcance da mão do consumidor*.

Por isso, hoje mais do que nunca, nas quase infinitas ofertas de drogas, temos aprendido a localizar o uso singular que determina a eleição de cada consumidor: o nome da *função do tóxico* – que usamos já faz muito tempo em nossa rede TyA – designa esse complexo processo de seleção, que há de ser preciso situar em cada análise.

É importante destacar que apesar de esse estado de insatisfação não ser privilégio do presente, o empuxo ao gozo da época mascara a reconhecida voracidade do supereu – sustentado tradicionalmente pelo “deves fazê-lo!” – atrás de uma espécie de discurso de autoajuda (quer dizer: auto erótico), que promete o “tu podes fazê-lo!”. Ainda que este não seja menos devastador, já que confronta o indivíduo com a fenda intrínseca do gozo, marca do impossível que sela o destino humano da não relação sexual e que provoca sintomas das mais variadas espécies. Não se trata de que *tu podes!* nem de que *tu não podes!* tampouco de que *tu deverias* ou não

deverias fazê-lo. É que a marca do *não se pode* está escrita no corpo desnaturalizado de cada *parlêtre* afetando seu modo de gozar.

UM CIRCUITO LOCALIZA A FUNÇÃO DO TÓXICO

Porém, o que ocorre no campo das psicoses quando essa marca está ausente?

Tentarei responder demonstrando uma sequência extraída de uma análise a partir de cinco momentos, o que permitiu apaziguar um empuxo à passagem ao ato, ao localizar a lógica que determinava o consumo e clarear a função do tóxico – ao situar o circuito de gozo sob transferência. Vou usar tal sequência para esse fim, sem entrar na complexidade do caso.

- 1º O triunfo
- 2º Um “sentimento estranho”
- 3º Euforia
- 4º Erotização
- 5º Desencadeamento do consumo
- 6º O desligamento: a degradação do Outro
- 7º A saída: o corpo “diz basta”

O *primeiro momento*: O triunfo – localizado a partir de um detalhe e produzido só ao final da elaboração realizada – se produz quando algo de certa relevância ocorre segundo o desejado: por exemplo, um êxito profissional. O *segundo* situa um efeito, um sentimento estranho no corpo, uma resposta “rara” que o comove, que afeta seu corpo e que não pode nomear e que só depois de muito tempo em análise, consegue circunscrever em uma frase: *Posso tudo!* Em um *terceiro momento* consegue identificar a sensação, a chama euforia, estando do corpo que o analisante se encarrega de diferenciar da *alegria*. É a presença de uma agitação corporal irrefreável, contínua, que engloba o estranho e a onipotência (localizados nos dois momentos anteriores). No *quarto momento* a euforia deriva na erotização e se resolve habitualmente pela via autoerótica frente a uma tela combinada com uma precisa condição fantasmática. Levando ao *quinto momento*: o consumo, realizado sempre solitariamente, ainda que, para conseguir a substância eleita, realize com frequência ações temerárias, as que sustentam a erotização e canalizam a euforia. Já desencadeado o consumo, especialmente de cocaína, às vezes combinada com o álcool, não pode parar.

É assim que chegamos ao *sexto momento* no qual se produz o desligamento subjetivo. Aí a degradação do Outro adquire um papel central, cifrando, com a anfibologia do termo um duplo movimento: a) no sentido do genitivo objetivo do termo *degradação*, já que perseguido pelo “monstro que me consome as entradas” chega sempre à borda do colapso físico e mental, afligido por alucinações que se mesclam com pesadelos, retorna então ao pai morto para acusá-lo de seus pecados, o que dá lugar a delírios desencadeados por insignificantes situações do entorno que produzem para ele signos inequívocos da maldade inescrutável do Outro. Nelas, está certo de que será vítima da brutal figura assassina do Pai, a quem acusa então de todos os seus males, com todas as injúrias imagináveis**. Advém então: b) a apresentação genitiva subjetiva da degradação, já que depois da fúria inicial é arrasado por um sentimento de culpa que o deixa desaparecido, vários dias fechado, chorando,

sem alimentar-se e desejando a morte, ainda que sem se animar a buscá-la ativamente.

A saída é sempre igual, ocorre no *sétimo momento* em que a devastação ameaça aniquilá-lo literalmente. Sua frase: “não digo eu, é meu corpo” o empuxa a deixar de consumir, em um estado de perplexidade e desespero. Ainda que, devido à iteração do circuito, cada vez se acha mais reduzida sua capacidade de conseguir uma saída.

A complexidade desse percurso pode ser localizada a partir de que um dia, imerso em plena degradação, decidiu com extrema dificuldade interromper o consumo para ir a sua análise. Já na sessão, enquanto tentava dar conta da satisfação que lhe produzia o consumo, produziu um lapso, na realidade uma formação neológica. A partir desse instante foi possível, não só nomear o circuito de gozo que o consumia mas, e muito especialmente, contar com uma ferramenta para acceder a uma saída (*o sétimo momento*), aquém da insuficiente resposta do corpo, único limite com que ele contava até então, e que estava a essa altura seriamente comprometido.

O VALOR SINTHOMÁTICO DE UM NEOLOGISMO

Muito cedo, no início das entrevistas preliminares, foram localizadas e tratadas interferências parasitárias que produziam frases interrompidas que o levavam ao mutismo, determinadas por uma intercepção mental de reprovação. O resultado foi um alívio que deu acesso à análise, já que o sujeito se achava afetado por uma sólida transferência negativa a seu analista anterior, e à psicanálise, portanto.

Apreende-se que a *função da cocaína* habilitava um lábil desejo sexual não articulado suficientemente ao gozo fálico e resolvido pela via masturbatória – sua única via de resolução sexual – cifrando assim seu fulgorante e paroxístico êxito; função que fracassa em um segundo momento por uma nova irrupção do Pai real*** que torna a deixar as coisas no lugar em que estavam antes do consumo.

No campo das toxicomanias estamos habituados a receber indivíduos que padecem do furor maníaco do consumo. A particularidade deste caso é que evidencia o que poderemos chamar uma *passagem à análise*, reforçada por um significante *prêt a porter*, neologismo produzido sob transferência e que permitiu a um sujeito contar com um artefato *sinthomático* para tentar, ao menos, desbastar o gozo de um circuito mortífero, determinado pela marca de uma ausência.

*Aqui, o emprego do termo *mão* não é inocente, já que faz referência ao autoerotismo.

** Se situava assim o delírio em sua *père-version*: o pai como o que o haveria induzido a se drogar, porém ele que também o impediria (ainda que morto!) de conseguir a droga.

*** A manifestação do ódio ao pai era tão intensa que não podia deixar de injuriá-lo, apesar de saber perfeitamente que o pai não era culpado do que lhe sucedia, do que ele não podia fazer... especialmente porque estava morto.

Tradução: Maria Wilma S. de Faria

Revisão: Márcia Mezêncio

TOXICOMANIAS E PSICOSES

DRUG ADDICTIONS AND PSYCHOSES

Antônio Beneti (Belo Horizonte, Brasil)

Psiquiatra e Psicanalista. Analista Membro da Escola (AME), Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP)

Psychiatrist and Psychoanalyst. Analyst Member of the School (AME), Member of the Brazilian School of Psychoanalysis (EBP) and the World Association of Psychoanalysis (AMP)

Resumo: Nesse artigo, o autor interroga a possibilidade de a toxicomania se constituir de duas maneiras. A primeira, como sinthoma, enquanto quarto termo do nó borromeano, que amarra as dimensões do simbólico, do imaginário e do real, impedindo o desencadeamento da psicose. E a segunda, como CMB (compensatory make-believe), menos eficaz.

Palavras-chave: toxicomania, psicose ordinária, sinthoma.

Abstract: In this article, the author questions the possibility that drug addiction takes two forms. The first, as sinthome, as the fourth term of the Borromean Knot, which ties the dimensions of the symbolic, the imaginary and the real. And the second, as CMB (compensatory make-believe), less effective.

Keywords: drug addiction, ordinary psychosis, sinthome.

No cotidiano da clínica psicanalítica contemporânea cada vez mais recebemos psicóticos ordinários e jovens usuários de drogas. Na verdade, eles andam de “mãos dadas”.

Há exatos 20 anos, em 1997, no II Congresso da EBP-CF/AMP, em Salvador (Bahia), apresentamos um trabalho intitulado “*Toxicomania: solução psicótica contemporânea?*”. A interrogação no final do título apontava para uma hipótese a ser investigada no decorrer dos anos de nossa clínica psicanalítica. Ali, postulávamos que essa solução psicótica tinha “vindo para ficar” e representava uma “auto prevenção” contra o desencadeamento delirante. Porque esses psicóticos, quando no “tratamento do gozo pela palavra”, desencadeavam-se ao reduzirem o consumo ou ao atingirem uma abstinência total – o que revelava a forclusão localizada do Nome-do-Pai. Contudo, muitos deles continuavam a se drogar sem desencadearem um quadro psicótico delirante.

Começamos o trabalho clínico com a psicanálise nesse campo em 1983. Estábamos aí no primeiro ensino de Lacan, o do “inconsciente estruturado como uma linguagem”, das estruturas clínicas e concebendo a toxicomania como uma modalidade de gozo possível de se fazer presente em todas as estruturas clínicas, como um gozo cínico, auto erótico. Já em 1997, por ocasião do já citado Congresso, iniciávamos um trabalho considerando o último ensino de Lacan, na aplicação da topologia do nó borromeu.

O que temos, então, hoje, a partir do último Lacan, do inconsciente enquanto falasser e do sinthoma? O sinthoma, enquanto quarto termo do nó borromeano, que amarra as dimensões do S, I e R, poderia ser a toxicomania? Acreditamos que sim. Se acrescentamos a isso a forclusão generalizada e a categoria operacional das psicoses ordinárias, como nos propõe Jacques-Alain Miller em seu texto “*Efeito de retorno às psicoses ordinárias*” (MILLER, 2012, p. 412). Encontramos ali a “trípla externalidade” (corporal, social e subjetiva). Nos resta investigar “uma desordem provocada na junção mais íntima do sentimento de vida no sujeito” (LACAN,

1998, p. 565).

Uma desordem “mais além da ordem simbólica regida pelo Nome-do-Pai”. “A desordem se situa na maneira como experimentam seu corpo e no modo de se relacionarem com suas próprias ideias”. A desordem se situa através dessa “tripla externalidade”.

Como localizarmos a toxicomania aí? No texto de Miller, na externalidade social chama a atenção a questão do desajuste com relação a uma identificação social, um desligamento, uma desconexão, indo de uma desconexão à outra, desligando-se do mundo dos negócios, da família, etc. Percurso comum nos esquizofrênicos e nos consumidores de “crack”, por exemplo. Na verdade, esses consumidores se excluem dos laços sociais e se incluem via assistência social localizada no campo do Outro.

Outra externalidade, a corporal, podemos também pensá-la com os toxicômanos. Miller nos diz que o sujeito não é um corpo. Ele tem um corpo. Nas psicoses ordinárias, nessa externalidade, a desordem mais íntima é essa brecha na qual o corpo se desfaz e, o sujeito, é levado a inventar para si laços artificiais para se apropriar do corpo, para “prender” seu corpo a ele mesmo. Como um “grampo” para sustentar o corpo. Escrevemos certa vez sobre a função da tatuagem e a fuga do corpo (BENETI, 2015). Não poderíamos pensar nas aplicações hormonais injetáveis, as chamadas “bombas”, modelando, amarrando, fazendo um corpo que poderia se “desfazer”? Não seriam invenções psicóticas?

Quanto à externalidade subjetiva, o sinal mais frequente no psicótico ordinário, como nos propõe Miller, é o da experiência de vazio, de vacuidade, de vago, de natureza não dialética. Neste caso, encontramos uma fixidez especial desse índice. Até mesmo uma fixidez da identificação real com o objeto *a* como dejeto, levando o sujeito a se transformar num rebotalho, negligenciando a si mesmo ao ponto mais extremo, realizando o dejeto sobre sua pessoa. Não poderíamos aqui pensar numa “melancolia crackeana”? Uma hipótese...

Miller nos orienta nesse texto que, se não encontramos a possibilidade de diagnósticos seguros, precisos, de uma neurose, e se pensamos em uma psicose dissimulada, então, deveríamos pensar nas psicoses ordinárias. Onde deveria haver o Nome-do-Pai teríamos um CMB (*Compensatory Make-Believe*), um fazer-crer compensatório do Nome-do-Pai. E, além disso, deveríamos buscar na psiquiatria clássica e psicanálise, de que formas clínicas psicóticas, diagnósticas, se tratam.

Poderíamos então nos perguntar, quando estamos diante de sujeitos toxicômanos na clínica, se estariamos diante de sujeitos psicóticos. A toxicomania se apresentaria como solução psicótica contemporânea?

Uma “dependência química”, um “gozo toxicomaníaco” se apresentariam como a “ponta de um iceberg” (efeito de um CMB) cavalgando sobre a base do “iceberg”, em uma estrutura psicótica? Ou, um “sinthoma”, enquanto quarto termo amarrando um simbólico “fugitivo”?

Referências Bibliográficas:

- MILLER, J.-A. Efeito do retorno à psicose ordinária. In: *A psicose ordinária*. Belo Horizonte: Scriptum, 2012, p. 399-427.
- LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 537-590.
- BENETI, A. Tatuagem e fuga do corpo. In: *VII Enapol O império das imagens*. 2015. Disponível em: <http://oimperiododasimagens.com.br/pt/faq-items/tatuagem-e-fuga-do-corpo-antonio-beneti/>

O ORDINÁRIO: NO CAMPO DA PSICOSE E NO CAMPO DA TOXICOMANIA

THE ORDINARY: IN THE FIELD OF PSYCHOSES AND IN THE FIELD OF DRUG ADDICTION

Liliana Aguilar (Córdoba, Argentina)

Analista Praticante da Escola de Orientação Lacaniana (EOL). Membro da Associação Mundial de Psicanálise (AMP). Co-responsável pelo departamento TyA Córdoba – CIEC

Practicing Analyst of EOL and WAP, co-responsible of the TyA Córdoba department – CIEC.

Resumo: A psicose ordinária abre um campo de investigação que incide, como não podia ser de outra maneira, no campo da toxicomania, tocando a clássica função que costumava cumprir a toxicomania na psicose. A toxicomania, por sua vez, se generalizou, evidenciando uma nova relação com as drogas que se caracteriza por uma modalidade de consumo que poderíamos localizar como “episódica”.

Palavras-chave: Psicose ordinária, toxicomania generalizada, consumos episódicos.

Abstract: The ordinary psychoses opens a field of research that affects the field of drug addiction, touching the classical function drug addiction complied in psychoses. Drug addiction has become generalized, and makes evident a new relation with drugs characterized by an “episodic” way of consumption.

Keywords: Ordinary psychoses, generalized drug addiction, episodic consumption

O campo de investigação aberto pelo que Jacques Alain Miller denominou “a psicose ordinária” tem nos levado a sustentar uma série de generalizações: a generalização do Nome-do-Pai, a foracção generalizada, todos somos loucos, etc. Por outro lado, o campo de investigação que abre o que em TyA vimos situando em relação às novas modalidades de consumo, nos tem levado a considerar outras generalizações mais: a toxicomania generalizada, o todos adictos e também, tal como formulara Sérgio Laia, a generalização da ruptura do casamento com o falo, tese que até o momento era paradigma e patrimônio da toxicomania. De fato, isso que era o mais próprio da psicose se torna comum a todos e o que era o mais próprio da toxicomania, também se torna comum a todos. Ambas, psicose e toxicomania entram no terreno do ordinário e ao fazê-lo já não são exatamente o que eram. A psicose ordinária é psicose, isso não está em dúvida, o que muda notavelmente é o modo como se apresenta. O detalhe, os signos discretos tornam-se hoje em dia uma referência clínica inelidível.

Um dos efeitos da psicose ordinária foi o fato de separar a paridade psicose – loucura e a paridade neurose – normalidade. A psicose se equiparava à loucura porque a resposta do sujeito ao buraco foracioso se reparava, em geral, a partir da metáfora delirante, tal como o mostra o paradigma da psicose que Freud e Lacan encontram em Schreber. Depois, à medida que o privilégio do simbólico perde exclusividade para tramitar o gozo, quer dizer, que se põe um pouco em questão o poder limitador da ordem simbólica sobre o real do gozo, a perspectiva do sinthoma como esse arranjo singular de cada um, toma relevância e o delírio se generaliza: somos todos delirantes. A novela, o fantasma, as ficções são todas defesas “delirantes” frente ao real. Por outro lado, a neurose equiparada à normalidade, se deduzia do fato de considerar o Édipo, a metáfora paterna, como

o fundamento da realidade comum e o falo como a norma que se deduz dessa realidade comum.

Porém, isto já não é sustentável quando a norma fálica perdeu a hegemonia de sua tradição ao encontrar-se incluída, como uma a mais entre outras soluções, para orientar o gozo. A partir de então, fica evidente como, por exemplo, alguns normais, afinal de contas, esses que manifestam uma excessiva e inalterável normalidade podiam ser psicóticos e como, pelo contrário, podiam se cometer grandes loucuras no terreno das neuroses.

O que poderíamos chamar desde essa perspectiva, a toxicomania ordinária também teve seus efeitos. Pôs em evidência até que ponto o declínio do Nome-do-Pai alterou a instituição do matrimônio, chegando a abalar um dos casamentos mais firmes, o do sujeito com o falo. Isto nos deixa frente a uma única saída, uma relação mais próxima e mais exclusiva com o objeto. Se bem que Freud, à sua maneira, e depois Lacan, não deixaram de advertir até que ponto esta relação do sujeito com o objeto é o que comanda, é determinante, de fato o fantasma fundamental é uma das provas disso. O que se agrupa agora com a generalização da ruptura do casamento com o falo, é que o falo já não estaria mais ali para dar-lhe certa localização, certo calço a essa relação, onde podemos falar de uma relação mais descalçada com o objeto.

Agora bem, perguntemo-nos: o ordinário, da psicose e da toxicomania, com suas consequentes generalizações e com seus efeitos em nossa maneira de ler os sintomas abala a clássica relação entre toxicomania – psicose, onde a primeira podia cumprir uma função de suplência para a segunda? Esta função clássica, tão clássica, segue vigente. O clássico, à diferença do velho ou do passado, é esse elemento anacrônico que fica fixo, enquanto o outro vai e vem. O que não se pode negar é que tentar localizar a função específica que tem a droga para cada sujeito – o que é algo assim como uma declaração de princípios em TyA – na atualidade, frente a estas novas modalidades de consumo, resulta um pouco mais complexo. Assistimos a uma nova relação com as drogas que se caracteriza por uma modalidade que poderíamos situar como “episódica”. À diferença da toxicomania clássica que se caracteriza mais por consumos fixos e constantes, fixos porque geralmente se casam com um mesmo objeto e constantes porque costumam ser crônicos, nos consumos atuais não há fixação muito específica em relação a uma determinada droga. Mesmo que o consumo seja massivo e desregulado, não supõe necessariamente uma dependência, e tampouco podemos falar de abstinência. Não encontramos a clássica história de um consumo que vai crescendo com o tempo e em cujo horizonte está a morte ou a overdose. Nesses casos, algumas vezes, a morte ou a overdose pode dar-se desde o início. Também não encontramos a clássica identificação ao significante adicto ou toxicômano. Tampouco, a história que vai de drogas mais leves a drogas pesadas; menos ainda, o lugar de marginalidade social que historicamente ocupou o consumidor de drogas.

Neste sentido, trago um breve recorte do caso de Claudio. Levou um tempo para localizar os motivos que o traziam à consulta. Ele explicava as razões de tudo o que fazia em termos de “curiosidade”. Praticou muitos esportes, começou algumas carreiras universitárias, encarou os mais diversos projetos laborais, transou com mil mulheres, inclusive algumas vezes com homens também, provou quase todas as drogas, consultou as mais variadas terapêuticas e tudo “por curiosidade”. Em uma oportunidade se pergunta pelo amor, gostaria de enamorar-se alguma vez, é quase a única coisa que não havia provado. Seguidamente fala de uma moça que havia conhecido um tempo antes da consulta e com quem mantém uma relação há um par de meses. Não tarda em

reconhecer que havia se mantido resguardado do amor, inclusive, considera que uma de suas grandes paixões, a música eletrônica e as festas eletrônicas, têm a ver, entre outras coisas, com o fato de que ali “pode-se amar sem enamorar-se, pode-se transar com homens sem ser puto, pode-se drogar sem ser adicto”. Curiosamente, faz um tempo que vem perdendo a conta das pastilhas que ingere nas festas. Ademais, tem acontecido de ficar parado e nu frente ao espelho, observando seu pênis. “Uma mulher pode te deixar louco?”, se pergunta.

Esse caráter episódico que se apresenta como aparentemente casual – sem as marcas próprias da repetição, ainda que se trate de experiências que se reiteram – se demonstra necessário no estilo da vida atual. Em contrapartida, a psicanálise dá lugar a uma lógica da contingência – que neste caso se abre a partir do encontro com uma mulher – para que eventualmente algo de outra ordem se escreva.

Tradução de espanhol: Cassandra Dias Farias

Revisão: Maria Wilma S. de Faria

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

MILLER, J. A. – *Los inclasificables de la clínica psicanalítica*, 1999, BsAs, Ed. Paidòs.

Miller, J.-A. y otros, *La psicosis ordinaria*, 2003, Bs.As, Ed. Paidós.

Armi, A. Esquè, X., “Las psicosis ordinarias y las otras. Bajo Transferencia”, Texto presentación del próximo Congreso de la AMP Barcelona 2018. <http://www.eol.org.ar/template.asp?Sec=congresos&SubSec=congresos&File=congresos.html>

Laia, S., “Chicos y chicas no son (aún) mujeres y hombres”. Conferencia dictada en el marco de una Noche de la Escuela en la EOL Sección Córdoba, Octubre 2016. Inédito. (Próximamente publicado en la Revista Mediodicho N° 43)

LAÇO SOCIAL E ADIÇÕES SOCIAL LINK AND ADDICTIONS

Pierre Sidon (Paris, França)

Psiquiatra, psicanalista, Membro da École de la Cause Freudienne (ECF) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), Diretor de CSAPA UDSM Meltem in Champigny-sur-Marne..

Psychiatrist, psychoanalyst. Member of ECF and WAP, Director of CSAPA UDSM Meltem in Champigny-sur- Marne

Resumo: Uma clínica diferencial entre o usuário ocasional e o adito é uma clínica continuista do desamarre do laço social, onde a adição é a medida de cada um na era da ciência. É ao preço de restaurar o laço social que se pode moderar, por acréscimo, a adição.

Palavras-chave: adição, laço social, clínica continuista.

Abstract: A different clinic between the occasional user and the addict is a continuous clinic, unplugged from the social link, where addiction is the measure of each one in the age of science. It's restoring the social link that we can moderate, en plus, the addiction.

Keywords: addiction, social link, continuous clinic

Se a adição é o excesso sem saciedade, a “bulimia quantitativa” (Gauchet, 2008), essa ausência de saciedade pode ser abordada por duas vias: aquela do excesso de oferta que engana o desejo pelo *restyling* do objeto ao infinito – sociedade de consumo -, e aquela do defeito no circuito que caracteriza a pulsão na psicose enquanto estrutura. Nos dois casos, o laço social que daí se deduz é afetado por um tipo de curto-circuito que caracteriza os modos de gozo contemporâneos: no laço direto com a *Coisa*, eles dispensam o laço com o Outro. Uma solidão daí se deduz em relação com “o individualismo democrático”.

Tocqueville distinguiu individualismo “recente e de origem democrática” e egoísmo antigo: “amor apaixonado e exagerado por si mesmo”. Também para Durkheim, o individualismo levado à sua lógica extrema não produz indivíduos cheios de si mesmos, mas muito mais “ameaçados pelo vazio, pela insignificância (...), por não saberem quem eles são” (Gauchet, 2008), “anômicos”. Segundo Lipovetsky, é, neste período de paz e de opulência, “a era do vazio”: “O neonarcisismo não se contentou de neutralizar o universo social esvaziando as instituições de seus investimentos emocionais. É o Eu (Moi), assim, que é desta vez desnudado, esvaziado de sua identidade, paradoxalmente, por seu hiperinvestimento” (Lipovetsky, 1983): “apatia *new look*”: “Deus está morto, as grandes finalidades se apagam, mas ninguém se importa, eis a boa notícia, eis o limite do diagnóstico de Nietzsche no lugar do obscurecimento europeu”. Mas foi necessário apenas alguns anos para que o otimismo de Marcel Gauchet não cedesse o passo diante o profeta de Weimar e sua “depreciação mórbida de todos os valores superiores e deserto de sentido” (Gauchet): e se assiste ao retorno furioso do religioso aspirado por esse vazio de sentido, sentido religioso muitas vezes o único capaz de fazer fluir um excessivo gozo do corpo. Vários impasses aditivos, como começa a certificar a experiência clínica, se beneficiam, assim, do sentido religioso que pode influenciar e alcançar aí um substituto (Sidon, 2017).

Esperando, pois, sua eventual redenção pelo sentido, este *individe* ávido aspira intensamente às próteses (químicas ou outras) freneticamente renovadas que a indústria coloca caridosamente à sua disposição (mais de

uma droga nova por semana no mundo). Mas, do egoísmo ao individualismo, é uma clínica diferente, quantitativamente e qualitativamente: entre o usuário ocasional, recreativo, e o dependente viciado. É também uma clínica continuista, clínica do desligamento do laço social que vê bascular o recreativo ao dependente à ocasião de uma “tragada” (bec) encontrada pelo sujeito em sua existência: encontro ou ruptura, perda ou ganho, promoção ou dificuldade profissional. A passagem à dita dependência, só podemos quantificá-la: pois só se trata de uma passagem progressiva que substitui todo interesse externo, todo investimento do laço social pelo consumo.

Esse consumo, em qualquer grau que ele se situa em termos quantitativos, contribui, à sua maneira, para uma estabilização da relação do sujeito com o Outro, seja até mesmo por uma separação quase completa desse Outro. É uma estabilização mortal, mas esta é apenas a assíntota de uma tendência já presente na embriaguez comum – onde o consumo contribui para aliviar o sujeito do peso de sua relação com o Outro, quer dizer, no lugar onde se anuncia para ele um certo número de frases, incluindo comandos, que determinam sua existência como ser falante, quer dizer, primeiramente falado pelo Outro. Do comando do supereu inconsciente – mas não menos feroz – à alucinação injuriosa, a clínica declina todas as modalidades possíveis desse laço ao Outro que faz do homem, dentre todas as criaturas, a mais infeliz, logo a mais criativa – mesmo se o consumo deliberado de drogas é atestado em vários animais. O homem intoxicado pela palavra que Lacan considerava como “parasita linguageiro”, precisa mais do que os outros, para purificar seu *Umwelt* infestado de palavras (Von Uexküll citado por Lacan em *Lituraterre*) e tornar-se um indivíduo como um outro (*cf.* o discurso de “Anônimos”), das derivadas que Freud nomeava *Sorgenbrecher* “Disjuntor de preocupações”. A adição é, então, a medida do laço social de cada um na era da ciência.

Assim, não é surpreendente que quanto mais se aproxima de uma prática institucional com sujeitos desinsolidarizados, mais se encontra o que a psiquiatria chama de “comorbidades” ou o “duplo diagnóstico”: trata-se da presença de distúrbios que provêm de um diagnóstico de psicose, delirante ou simples, com alucinações ou do tipo delírio sistematizado, com distúrbios de humor frequentemente associados, majoritariamente depressivos, em sujeitos acolhidos em 2016 em um Centro de Acolhimento que dirijo na periferia parisiense (10 vagas em tempo integral), em que 9 já tinham tido acompanhamento em instituição psiquiátrica e 9 não tinham um tratamento psicotrópico adequado quando chegaram – levando em conta a comorbidade psiquiátrica da qual pude fazer a hipótese durante o acompanhamento. Nessas condições, a avaliação que conseguimos com os usuários nos leva a discutir com eles, quase constantemente, a utilidade de uma contribuição de psicotrópicos do tipo antipsicótico com o apoio eventual de reguladores de humor.

Mas é preciso muitos meses para conseguir isso e também várias medidas sociais e de justiça: formação, reinserção profissional, invalidez, estatuto de adulto deficiente, proteção de bens. A duração total do tratamento em nossa instituição compreendendo frequentemente a passagem por cada um dos seus polos (Centro Residencial, Apartamentos, Consultas e Acolhimento Dia) se dá, em geral, para conseguir uma estabilização duradoura e uma realocação satisfatória, de 4 a 6 anos em média. É o tempo para restaurar um novo laço social. E é a esse preço que se pode regular, além disso, esse sintoma social que é a adição.

Tradução do francês : Cláudia Maria Generoso

Referências Bibliográficas:

- Freud, S. *Malaise dans la civilisation*, Paris, Payot, coll. Petite Bibliothèque Payot, 2010.
- Gauchet, Marcel. Disponível em : <http://gauchet.blogspot.fr/2008/02/la-dmocratie-est-malade-de.html>
- Lipovetsky, Gilles, *L'ère du vide*, Gallimard, 1983, Chapitre II : Narcisse ou la stratégie du vide
- Sidon P. « Raddictalisation express », Revue *Horizon*, 2017.

ROMPER O EFEITO DE AFETO

BREAK THE EFFECT OF AFFECTION

Jean-Marc Josson (Bruxelas, Bélgica)

Psicanalista, Membro da École de la Cause Freudienne (ECF) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), Responsável pela Unidade de Acolhimento de Crise do Centro Médico Enaden, Professor na Seção Clínica de Bruxelas.

Psychoanalyst, Member of ECF and WAP, Responsible for the Crisis Accommodation of Enaden Medical Center, Teacher at the Clinical Section of Brussels.

Resumo: A droga permite romper o afeto, definido no último ensino de Lacan como o efeito de um significante. Localizá-lo em cada caso clínico orienta o tratamento.

Palavras chave: função da droga, efeito de afeto, orientação da prática.

Abstract: The drug allows to break the affect, defined in Lacan's last teaching as the significant effect. To isolate it in each case orientates the follow up.

Keywords: drug function, affect effect, practice orientation

A definição inédita que Lacan dá sobre o afeto em seu último ensino nos convida a reconsiderar, no campo nomeado hoje das adições, a função que pode ter para um falassero o consumo de droga ou álcool, especialmente na psicose.

Uma função particular do consumo foi evidenciada na discussão do caso apresentado na última Conversação do TyA, em Bruxelas, por Sébastien Decamp. O homem do qual se trata começa a consumir na prisão, para suportar, diz ele, as intimidações, as ameaças e as violências. Aparece, no entanto, durante sua estadia na instituição que, além destas situações, ele é objeto de uma má intenção do Outro, do qual ele fornece a fórmula singular: querem se livrar dele. Seu consumo lhe permitiria tamponar esta interpretação, que é para ele uma certeza.

Esta leitura é esclarecedora, mas, a meu ver, imprecisa. O consumo deste homem é uma tentativa de tratar não a sua certeza, mas o efeito que produz esta certeza em seu corpo. É uma tentativa de tratar o afeto.

Em 1973, Lacan apresenta em “Televisão” o que Jacques-Alain Miller chama de sua “pequena teoria dos afetos” (Miller, 1986, p. 77). Já de saída, Lacan situa a origem do afeto: “Que me respondam apenas uma coisa: afeto diz respeito ao corpo? Uma descarga de adrenalina é ou não é do corpo? Que perturba suas funções é verdade. Mas, em que isso provém da alma? O que isso descarrega é pensamento” (Lacan, 2003, p. 522). O afeto tem por origem o pensamento e não o corpo ou a alma, “o Um do corpo” (Regnault, 2004, p. 132). O afeto vem do pensamento e vai para o corpo; ele vem do pensamento, de onde há a descarga, e vai para o corpo onde perturba as funções.

Essas coordenadas do afeto são especificadas por Lacan mais à frente no texto: “Será que a simples ressecção das paixões da alma (...) já não atesta ser necessário, para aborda-las, passar pelo corpo, que afirmo só ser afetado pela estrutura?”; e ele continua: “Indicarei por onde se poderia dar uma sequência séria, a ser entendida

como serial, ao que prevalece do inconsciente nesse efeito" (Lacan, 2003, p. 524).

O afeto – e sublinho esta definição – é um efeito. É um efeito do inconsciente, da estrutura, e somente desta, como o indica a alocução adverbial “só, somente” (*ne...que*). Este efeito afeta o corpo. A seriedade desta tese é demonstrada por Lacan na sequência de seu propósito. Ele sustenta e esclarece as definições da série dos seis afetos que ele aborda.

Lacan retoma esta estrutura do afeto em “O fenômeno lacaniano” em 1974: “O afeto, o que é? (...) Vocês acreditam que seja as tripas agitando? Do que elas agitam? Elas agitam palavras. Não há nada que afeta mais, como se diz, aquele que qualifiquei de ser falante” (Lacan, 2011, p. 26). O afeto é o efeito das palavras – no ablativo no enunciado de Lacan -, e este efeito agita as tripas. Porque ele agita as tripas, o afeto faz do sujeito do inconsciente um ser falante, quer dizer, um sujeito do inconsciente dotado de um corpo.

As palavras que produzem o afeto apresentam duas particularidades. Por um lado, são palavras ditas: “O afeto é feito do efeito da estrutura, do que é dito em algum lugar” (Lacan, 2007, p. 11). Em algum lugar isso viria do Outro: essas palavras seriam ditas pelo Outro. Por outro lado, o que causa o afeto surge de lalíngua: “Esses afetos são o que resulta da presença de alíngua” (Lacan, 1985, p. 190). O teor dos elementos que a compõem, a tonalidade de uma voz, por exemplo, implica que o que produz o afeto não é necessariamente uma palavra.

Desde 1999 Jacques-Alain Miller destaca uma tese que ele extraiu do último ensino de Lacan, na qual encontra-se enunciada, a partir do significante, esta definição inédita do afeto: “o significante não tem somente efeito de significado, mas (...) tem efeito de afetar um corpo” (Miller, 2004, p. 52).

Esta tese pode se escrever em um matema, onde a seta simboliza o afeto:

$S_1 \rightarrow \text{corpo}$

O significante que tem um efeito de afeto não é um significante S_1 articulado a um significante S_2 , mas um significante isolado, um S_1 sozinho. Este significante é para ser considerado como uma variável, a variável de uma função, o x de um $f(x)$, como se diz na matemática. Em seu lugar pode se escrever toda a manifestação do inconsciente. Assim, o fantasma tem um efeito de afeto: “o efeito (do fantasma ‘Uma criança é espancada’) não é um efeito de verdade. (...) Compreendemos, ao contrário, que seu efeito é uma afecção” (Miller, 2003, p. 67)

O acontecimento de corpo que define o sintoma no último ensino de Lacan é um acontecimento que tem efeito de afeto no corpo. Uma Analista da Escola o testemunha com precisão: em seu caso, a “desenvoltura” na “tonalidade da voz materna” tinha um efeito de “abandono” (Bosquin-Caroz, 2014, p. 84), que a inibia. O afeto é então o efeito de um significante no corpo.

O caso apresentado no TyA não foi construído à luz dessa conceitualização. Levantei, entretanto, a hipótese de que a certeza desse homem é o significante que, em nosso matema, tem um efeito de afeto no corpo (afetar o corpo).

O conjunto dos elementos dessa pequena estrutura aparece claramente em outro caso, escrito por Marie Vlayen para a última conversação da Rede 2 (uma rede de instituições orientadas pela psicanálise), cujo objeto de estudo era justamente o afeto. O homem em questão é também habitado por uma certeza: vão agredi-lo,

querem mata-lo. Essa certeza aparece após uma agressão quando ele tinha 12 anos: um jovem de sua cidade o empurra contra uma cerca, “assim, do nada”, diz ele. Essa agressão “estragou (sua) vida”. Sua certeza produz o que ele mesmo chama de angústias paranoicas: ele tem medo de tudo, medo dos outros. Ele fica constantemente angustiado, inclusive quando está só: “durante todo o dia eu aguento, eu aguento”. O afeto é onipresente porque o significante não cessa de se repetir, de se reiterar (Miller, 2016).

É o que tenta tratar o consumo. Ele visa anestesiar ou reduzir o efeito de afeto no corpo que produz sem descanso o significante que se reitera. O consumo de droga torna-se toxicomania – é a minha segunda hipótese – quando é ele próprio *contaminado* pela reiteração operante no acontecimento de corpo. É então que, capturado por esta repetição, o consumo se embala. O homem agredido, que tinha sido acalmado por *Xanax* que lhe foi dado por sua avó após a agressão, consome atualmente caixas inteiras de benzodiazepínicos.

Ressaltamos, enfim, que a função da droga evidenciada aqui nada mais é que aquela que pode ser deduzida da famosa definição da droga dada por Lacan em 1975. Lacan tira a moral da história do pequeno Hans de Freud e conclui seu desenvolvimento por esta proposição: “não há nenhuma outra definição da droga senão esta: é o que permite romper o casamento com o pequeno pipi” (Lacan, 2016, p.21). A moral da história de Hans é que o menininho e a menininha são casados com seu pênis, e que este casamento é fonte de angústia. A angústia surge quando ambos percebem esse casamento: ela é o momento de descoberta do pequeno pipi. As coisas se complicam mais ainda quando o pênis é inflado – “não há nada melhor para fazer o falo” (Lacan, 2016, p.21) -, quer dizer, quando se mede o lugar do pequeno sujeito no desejo do Outro. É aí que as palavras, como aquelas da mãe de Hans, ferem e devastam. Romper o casamento com o pequeno pipi é romper o efeito do afeto desse casamento. Isto é o que permite a droga, e o que continua a manter seu sucesso.

Tradução do francês: Cláudia Generoso

Referências Bibliográficas:

- BOSQUIM-CAROZ, P. «Nouvel usage d'une fixion sinthomatique», *La Cause du désir*, 87, juin 2014.
- LACAN, J. Televisão. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.508-543.
- LACAN, J. *O Seminário*, livro 20: Mais Ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 187-201.
- LACAN, J. Encerramento das Jornadas de Estudos de Cartéis da Escola Freudiana. *Pharmakon digital*, vol. 01, 2016, p.15 -23. Disponível em: http://www.pharmakondigital.com/prov/ed002/conferencias/pt/jacques_lacan_pt.html
- LACAN, J. «Le phénomène lacanien», tiré à part des Cahiers clinique de Nice, 1, septembre 2011
- LACAN, J. «Propos sur l'hystérie», Quarto, 90, juin 2007
- MILLER, J.-A. Biologia lacaniana e acontecimentos de corpo. *Opção Lacaniana* 41. São Paulo: Ed. Eolia, 2004, p. 07-65.
- MILLER, J- A. «À propos des affects dans l'expérience analytique», *Actes de l'ECF*, 10, mai 1986.
- MILLER, J- A. Ler um sintoma. Lacan XXI. Revista FAPOL on line. Vol.1. 2016. Disponível em: <http://www.lacan21.com/sitio/2016/04/16/ler-um-sintoma/?lang-pt-br>
- REGNAULT, F. «Passions dantesques», *La Cause freudienne*, 58, octobre 2004.

A ORFANDADE TOXICÔMANA THE TOXICOMANE ORPHANHOOD

Irene Domínguez (Barcelona, Espanha)

*Psicanalista, Membro da Escuela Lacaniana de Psicoanálisis e da Associação Mundial de Psicanálise, Coordenadora do TyA
Psychoanalyst, Member of ELP and WAP, Coordinator of TyA*

Resumo: Neste presente trabalho fazemos uma distinção epistêmica entre psicose e toxicomania a partir da qual propomos três ideias para ter em conta na abordagem clínica das toxicomanias.

Palavras chave: forclusão; Nome-do-Pai, sonho americano.

Abstract: In the present work we make an epistemic distinction between psychosis and drug addiction from which we propose three ideas to have in mind in the clinical approach of drug addictions.

Keywords: foreclosure, Name of the Father, american dream

Robert de Niro, através de um sonho induzido pelo ópio, protagoniza em *Era uma vez na América*, esta fabulosa história que emula o surgimento de um mito. Assim, ao longo de quase quatro horas, o filme de Sergio Leone exibe uma formosa metáfora do nascimento do “sonho americano” contando o modo como uma quadrilha de meninos órfãos, em plena depressão dos anos 20, chegou a converter-se em um clã de temíveis gangsters. Orfandade e droga se reúnem para contar a quintessência da história dos Estados Unidos que é também o berço de nossa contemporaneidade.

Toxicomania e psicose, no seio da psicanálise lacaniana, não nadam nas mesmas águas. Se a psicose é uma estrutura clínica, um conceito do diagnóstico estrutural, distinto ao do campo psiquiátrico, a toxicomania, por seu lado, não é um conceito psicanalítico, senão um termo tomado do campo do Outro, da psiquiatria e inclusive da sociologia. A psicanálise se interessa por ela, enquanto inscrita na cultura: é um *sintoma social* do mal-estar na cultura, que, ainda que não tenha sido nunca um interesse central de Freud ou Lacan, mereceu, por parte de ambos os mestres, algumas considerações. Atualmente e há cerca de 25 anos, faz parte dos interesses da clínica psicanalítica de orientação lacaniana.

Tanto a psicose como a toxicomania, apresentam uma casuística que abarca um amplo e gradual espectro, desde os casos de um delicado discernimento, com presença ou não de alucinações, vozes, delírios, experiências corporais, até aqueles que requerem uma internação.

NOME-DO-PAI E TOXICOMANIA

Eric Laurent, em seu texto *Três Observações sobre a toxicomania*, afirma que a tese de Lacan a respeito da droga é uma tese de ruptura (Laurent, 2014, p.20). Assim, a toxicomania não é um sintoma, porque não é uma formação de compromisso frente ao sexual, senão, uma formação de ruptura com o gozo fálico.

Efetivamente, certa dificuldade da relação do sujeito com o falo e a castração, também a encontramos no nível da estrutura psicótica, posto que, segundo a tese estruturalista, na psicose a forclusão do Nome-do-Pai

acarreta a do falo: a P_0 corresponde Φ_0 . J.-A. Miller pontua que deve-se estar atento a isso para fazer a distinção entre toxicomania e psicose, posto que podemos encontrar Φ_0 também pelo efeito do uso da droga e não somente como consequência da forclusão do Nome-do-Pai (Miller, 1989, p.25). A forclusão, então, é um efeito articulado à estrutura, porém não é exclusivo desta.

Neste sentido, J.-A. Miller nos dá uma indicação muito valiosa: “A toxicomania é menos uma solução para o problema sexual do que a fuga diante do fato de colocar esse problema”. (Miller, 2016, p.28). Uma fuga ante um problema não é uma solução. Representa antes uma postergação, uma espécie de parêntesis, um *dar um tempo*, enquanto que na psicose a manifestação de Φ_0 dá conta de uma solução ante o problema da sexualidade,

O ultimo ensino de Lacan colocou ênfase no uso do Nome-do-Pai, mais que em sua posse, podendo o sujeito chegar a prescindir do pai, com a condição de servir-se dele. Este uso é singular: cada qual vai tomar alguns elementos do Nome-do-Pai a serviço da construção de seu sintoma. Na toxicomania, ao contrário, o sujeito recusa fazer uso do Nome-do-Pai para inventar um sintoma, e deste rechaço derivam efeitos foráclusivos.

De igual modo que o neurótico, o sujeito psicótico também usa o Nome-do-Pai, ainda que se trate de usar sua ausência. Ou a invenção de uma suplência não poderia ser pensada como uma produção de um uso dessa ausência? Assim, psicóticos e neuróticos vão colocar em marcha um *working-progress*, um *saber fazer aí*, com o sintoma, vinculado a seu referente estrutural, que o tenha ou não.

Em termos gerais, a toxicomania enquanto fuga do problema da sexuação, coloca em *standby* o enfrentamento com a problemática sexual, e isso produz um efeito de sonolência da subjetividade. Optar pela intoxicação frente ao assunto sexual instalará o sujeito em uma “cotidianidade toxicômana”, uma espécie de prática rotineira a serviço de um gozo uno, em substituição à busca de uma solução de compromisso com a castração. O pensamento fica anulado por uma atividade para garantir a presença do tóxico e esquivar o vazio. Este “*fazer*”, claramente impossibilita o ato. A coragem toxicômana não tem nenhum valor, porque não é um ato, e por isso a dimensão da mentira ou a falta da autenticidade fazem parte do tempo do feliz encontro do sujeito com sua droga.

No entanto, sabemos que os matrimônios felizes falham, também os com a droga. A toxicomania é uma prática que tem sua frequência, seus pontos altos e suas ressacas, e esta descontinuidade permitirá que em um determinado momento um sujeito se dirija a um analista. Se bem que seja possível que num início o sujeito não traga nenhuma pergunta, não podemos perder de vista que está correndo o risco de que surja alguma. Começar a falar afetará a sua experiência de gozo da droga: a falha de sua eficácia não tardará em fazer-se sentir.

TRÊS IDEIAS

Primeira: Um sujeito imerso na toxicomania, quer dizer, alguém que crê ter a necessidade de consumir uma substância, só se dirige a um analista quando está relação começou a falhar. Portanto, se um sujeito vem falar conosco, há que supor o início do fracasso de sua toxicomania.

Segunda: Enquanto que os efeitos da droga produzem também efeitos de forclusão, temos de sintonizar no discurso do sujeito a que aponta sua enunciação. Um sujeito só fala de sua experiência com a droga, na medida

em que se encontra a certa distância desta. Nas coordenadas de sua iniciação no consumo, no relato de suas condições de uso ou abuso, poderemos entrever e distinguir se esta prática constituía um tratamento, ou pelo contrário, uma fuga em debandada.

Terceira: Em um encontro*, Antoni Vicens assinalava que se é certo que a natureza mesma do gozo é pedir sempre mais, que não existe um menos de gozo, no entanto, a ideia de sempre “querer mais” pode sugerir que há uma falta - falta inexistente em termos reais - e quem sabe isto poderia ser interrogado.

Só uma vez clareada a neblina toxicômana sobre o ser, na *histoerização* deste fracasso, poderemos entrever a estrutura em jogo, e prestar-nos ao serviço do sujeito para construir uma solução que implique sua verdade, longe dos slogans que vende nosso atual “mundo feliz”, produto da extensão epidêmica do “sonho americano”, fundado nesta renúncia de fazer uso do sempre desfalecido Nome-do-pai.

Notas:

*Intervenção de Antoni Vicens no encontro SOL “Ressons de la parla en el cos”, CdC ELP Tarragona, 1 de outubro de 2011.

Referências Bibliográficas:

LAURENT, E. “Três observações sobre a Toxicomania.” In: MEZENCIO, M., ROSA, M., FARIA, M.W. (orgs.) *Tratamento possível das Toxicomanias... com Lacan*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014. p. 19-26. Reproduzido neste número de Pharmakon Digital.

MILLER, J-A. “Para uma investigação sobre o gozo autoerótico.” In: Pharmakon digital 2, 2016. Disponível em: http://www.pharmakondigital.com/ed002/classicos/pt/miller_pt.html

Tradução: Maria Wilma S. de Faria

Revisão: Márcia Mezêncio

UM USO REGULADO DO TÓXICO

A REGULATED USE OF THE TOXIC

Epaminondas Theodoridis (Atenas, Grécia)

Psicanalista, Analista Membro da Escola (AME) da New Lacanian School (NLS) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), Responsável pelo TyA na Grécia, Docente do Colégio Clínico de Atenas

Psychoanalyst, Analyst Member of the School (AME) of the New Lacanian School (NLS) and of the World Association of Psychoanalysis (WAP), Responsible of TyA in Greece, Teacher at the Clinical College of Athens

Resumo: A posição melancólica que frequentemente encontramos na psicose ordinária é ilustrada pelo caso clínico de um sujeito toxicômano cujo uso regrado da droga lhe permite continuar a levar uma vida de aparência normal.

Palavras-chave: toxicomania, psicose ordinária, posição melancólica.

Abstract: The melancholic position that we often find in ordinary psychosis is illustrated by the clinical case of a drug addict whose regulated use of the drug allows him to continue to live a normal-like life.

Keywords: drug addiction, ordinary psychosis, melancholic position.

A relação da toxicomania e da psicose é um antigo debate clínico e não o abordarei aqui. É verdade que, em casos graves, o uso de substância tóxica pelo seu efeito devastador apaga as coordenadas subjetivas, mas eu suponho que o modo de uso e o papel da droga no funcionamento subjetivo podem nos esclarecer quanto à estrutura do sujeito. A psicose ordinária, introduzida por Jacques-Alain Miller, é uma categoria epistêmica que pode nos orientar no atendimento dos sujeitos toxicômanos. Quando não se trata nem de uma neurose, nem de uma psicose desencadeada com seus fenômenos extraordinários, delírio ou alucinações, podemos então supor o diagnóstico de psicose ordinária. É uma clínica pragmática de mais-ou-menos, de intensidade e de tonalidade, uma clínica onde nossos indicadores são os « pequenos índices da foracção » (Miller, 2010, p. 13). J.-A. Miller, nos incita a buscar sempre « a desordem na junção mais íntima do sentimento de vida do sujeito » e desenvolve os três registros, as três externalidades onde esta desordem pode se manifestar : externalidade social, corporal e subjetiva (Miller, 2010, p. 14-19).

Entre numerosos trabalhos no Campo freudiano sobre a psicose ordinária, a problemática desenvolvida por Sophie Marret-Maleval em seu artigo *Melancolia e psicose ordinária* (Marret-Maleval, 2011, p. 248-257), me ajudou a tornar inteligível a lógica do caso aqui apresentado. Ela aproxima o modelo de melancolia à psicose ordinária e sustenta que « a psicose ordinária mascara frequentemente uma posição melancólica podendo nos conduzir a pensar um fundo melancólico de toda psicose» (Marret-Maleval, 2011, p. 250).

O CASO CLÍNICO

É um homem de quarenta anos, que, seguindo o conselho de sua esposa, pede um tratamento a fim de parar o uso da heroína, pois ele vai tornar-se pai. Ele começou a utilizar cannabis, ocasionalmente com seus amigos, e depois, logo após seus estudos universitários, começou a utilizar heroína, exclusivamente pela via nasal. A

particularidade, desde o início, de seu uso, é a periodicidade. Ele se droga regularmente mais ou menos a cada vinte dias ou a cada dois meses, enquanto que no intervalo deste tempo ele se abstém. Seus pais nunca souberam de nada, ele queria a todo preço guardar aos olhos deles, a imagem de criança gentil e correta.

Seu pai, falecido há dois anos, encontrou para ele um cargo em uma empresa privada, sem nenhuma relação com seus estudos. Ele trabalha nesta empresa há doze anos e há pouco tempo ele ocupa um cargo de responsabilidade que não gosta. Ele faz este trabalho para ganhar a vida, se sente insuficiente, incapaz de exercer o mínimo poder. Filho único, ele teve que se enfrentar com um Outro materno « autoritário, brutal, vulgar, de personalidade explosiva, que não tinha noção de limites». Quando era criança, sua mãe batia nele e ele se escondia ou mentia para evitar as punições. Até agora ele descreve sua mãe como uma mãe-hiena, intrusiva, que não para de lhe pedir coisas, « ela me domina ainda, me culpabiliza», diz ele. Seu pai era um homem culto, militante sindicalista, dinâmico, mas bastante ausente da vida familiar.

O VAZIO EXISTENCIAL E O PAPEL DA DROGA

Desde a primeira sessão, ele explica que seu uso representa uma interrupção de sua vida cotidiana, « um corte com a realidade». Trata-se de fazer alguma coisa de diferente para ele sozinho, para se isolar de sua esposa, de seu trabalho, de seus amigos. Um mês após o nascimento de sua filha e dois meses após o início do tratamento, ele passa ao ato, ele se droga para acabar com a repetitividade do quotidiano e para preencher com a substância o vazio que sente. Este vazio, « este furo não se preenche nem com a filha, nem com o amor de minha mulher, nem com o meu trabalho», diz ele. Para este sujeito que passa a vida a se mostrar aos outros como um garoto gentil, a paternidade é uma questão, ele não sabe o que significa ser pai, « é um caminho desconhecido para mim», diz ele.

Desde sua infância ele teme tomar a palavra por medo da rejeição do outro. Ele se diz covarde, ele tem medo que o outro o reprenda, lhe bata, por isso ele tenta ser amável ou passar desapercebido. Ele não tem confiança em si mesmo, se sente inferior aos outros, «eu cedo sobre meus desejos, é o outro quem dirige as coisas», ele confessa. Desde sua adolescência, duas ideias lhe vêm com frequência em mente: ideias suicidas e seu medo de tornar-se mendigo. Ele pensa em suicídio como meio de fugir do peso da existência, de sair do mundo, «de escapar da trivialidade do quotidiano» que o esmaga. Por « falta de coragem e por medo », ele nunca fez tentativa de suicídio, mas nos momentos onde sua existência torna-se um fardo e onde sua relação com os outros lhe pesam, ele recorre à droga para romper com todo o laço com o Outro. Se ele não tornou-se um *junky*, um andarilho, é porque ele não suporta este fracasso, que não corresponde à imagem ideal de um menino gentil que o sustenta.

A ideia de se drogar lhe vem sobretudo no local de trabalho ou no momento de tensão com seu superior, ou quando ele se aborrece: aí a necessidade de encontrar-se sozinho, se impõe. São momentos onde nada tem sentido para ele, ele se sente cansado de tudo, não tem nenhum desejo, nenhum gosto pela vida e cada dia lhe parece ser um «copiar-colar do dia anterior». Ao mesmo tempo o corpo é também afetado, «ele me abandona, sem forças, eu me sinto apagando», ele precisa. Nestes momentos ele não quer incomodar ninguém, a única coisa que ele quer é « tornar-se um com a substância» e então ele liga para o traficante.

AUSÊNCIA SUBJETIVA E A FALTA RADICAL DO DESEJO

É um sujeito muito lúcido sobre a sua posição na vida que ele resume bem nesses termos : «Eu não dirijo minha vida, eu a suporto, eu evito fazer coisas, me drogar é uma maneira de evitar as coisas, de não fazer nada, é minha própria recreação, é romper com o repetitivo onde eu me perco, porque estou ausente, me falta o desejo». Sua vida é marcada por esta falta de desejo fundamental. Ele começa as coisas com muito fervor e energia, mas na menor dificuldade ele abandona tudo, e então « só me resta me drogar para me autopunir, gozar de minha posição de não vale nada», diz ele. Continua a ir ao trabalho e a ajudar sua esposa em casa, mas esta o recrimina de ser indiferente, de fazer as coisas mecanicamente como se ele fosse obrigado a fazê-las. Ela aponta assim sua falta de desejo, o fato que ele não assume subjetivamente tudo o que faz.

A LÓGICA DO CASO

Trata-se de um sujeito que aparentemente tem os traços da normalidade - ele estudou, fez o serviço militar, ele tem um trabalho estável, ele criou uma família-, mas com o uso regulado e discreto da droga. No entanto, as consequências da foracção do Nome-do-pai são observáveis no seu caso. Primeiramente, há uma fixidez do sentimento do vazio existencial. Ele é também ausente subjetivamente em tudo o que faz, não encontra sentido algum (externalidade subjetiva). Ele não pode assumir sua função social, nem dirigir sua vida (externalidade social). Correlativamente, lhe falta radicalmente a dimensão do desejo e do sentimento de vida, a roupagem fálica lhe faz falta. Ele não tem consistência corporal, seu corpo o abandona, ele « se apaga» (externalidade corporal).

Sua relação com sua mãe nos mostra a impossível separação com o Outro. Ele se coloca no lugar do objeto do Outro que é bem persecutório. Sua mãe o punia, lhe batia e ele se autopune « se batendo » com a heroína. Ele tenta sustentar sua existência por uma identificação imaginária, a imagem do menino gentil, que busca uma certa estabilidade frágil. Esta identificação é frágil pois assim que as exigências do Outro materno, profissional ou conjugal, o pressionam e que ele deve responder pela sua posição de sujeito, ele recorre à droga. Pelo uso da droga, ele rompe com a repetitividade do cotidiano, como ele o afirma, mas este consumo é submisso a uma outra forma de repetitividade. São os desligamentos periódicos do Outro. A droga é a tentativa desesperada de preencher seu vazio existencial e de se separar do Outro, mas no lugar de se separar ele torna-se um com a substância, se ligando à uma posição de objeto. Por não ter acesso à significação fálica, ele recorre ao gozo do tóxico para recuperar um pouco o sentimento de vida, é o « seu próprio recreio».

Diversos traços deste caso correspondem ao fundo melancólico de toda psicose, como Sophie Marret-Maleval desenvolve em seu artigo. Suas ideias suicidas, o sentimento de ser inferior aos outros, seu medo de tornar-se mendigo, gozar de sua posição do «não vale nada», reenviam à pane de tenacidade fálica assim como a identificação ao objeto dejeto (Marret-Maleval, 2011, p. 256). A dimensão da culpa e de autopunição estão igualmente presentes.

O tratamento, que durou quase dois anos, permitiu a ele espaçar o uso de heroína, ele usou somente cinco

vezes. Ele jamais veio à suas sessões sob o efeito da droga. Mas à ocasião de sua mudança ele interrompeu seu tratamento. Esta passagem ao ato, esta « interrupção », corresponde desta vez ao próprio fato de parar o uso. Estava ele verdadeiramente decidido de interromper o seu uso ? Manifestamente não, e podemos supor que este uso regulado da droga permitia a ele, apesar de suas grandes dificuldades, continuar a levar uma vida de aparência, de fato, normal.

Tradução do francês: Fernanda Turbat

Revisão: Leonardo Scofield

Referências Bibliográficas:

MILLER J.-A., « Efeito de retorno sobre a psicose ordinária », Opção lacaniana online nova série, N° 3- novembro de 2010, p. 1-30.

MARRET-MALEVAL S., « Mélancolie et psychose ordinaire », *La Cause freudienne*, N° 78, juin 2011, p. 248-257.

PARA UMA CLÍNICA DA « ELISÃO DO FALO » TOWARDS AN « ELISION OF THE PHALLUS' » CLINIC

Cesar Skaf (Curitiba, Brasil)

Analista Praticante, Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP). Pratica em Curitiba. Docente membro da Comissão de Ensino da Delegação Paraná. Coordenador do NIPaS (Núcleo de Investigação e Pesquisa sobre o Amor e a Sexuação) da Delegação Paraná, vinculado à Rede TyA Brasil. Médico psiquiatra, psiquiatra infantil, psiquiatra forense e professor. Mestre em Psiquiatria pela Universidade de São Paulo.

Practicing Analyst, Member of EBP and WAP. Practice in Curitiba. Lecturer member of the Teaching Commission of the Delegation of Paraná. Coordinator of the NIPaS (Nucleus of Research and Inquiry on Love and Sexuation) of the Paraná Delegation linked to the TyA Brazil Network. Physician psychiatrist, child psychiatrist, forensic psychiatrist and professor. Master's Degree in Psychiatry from the University of São Paulo.

Resumo: O trabalho apresenta a clínica da elisão do falo presente nas toxicomanias verdadeiras em sua aproximação com o campo das psicoses ordinárias.

Palavras-Chave: elisão do falo, gozo fálico, toxicomanias, psicoses ordinárias

Abstract: This paper outlines the elision of the phallus' clinic that is present in the true drug addictions in its proximity with the ordinary psychoses investigations.

Keywords: elision of the phallus, phallic jouissance, drug addiction, ordinary psychoses

Todas as formulações mais recentes na Orientação lacaniana em torno de uma compreensão da prática metódica com a droga realizada pelo verdadeiro toxicômano passam, para poder tratá-lo, por preliminarmente entender que há aí consequências clínicas de uma ruptura fálica. Estaríamos, pois, dentro de uma clínica da *elisão do falo*, para usarmos um sintagma de Lacan.

Ora, pensar a presença da significação fálica em índice zero (Φ_0), por si mesmo, aproxima as toxicomanias verdadeiras do campo das psicoses, especialmente a partir de 1998, quando as elaborações inauguradas por Jacques-Alain Miller e seguidas por tantos outros, ampliam a compreensão do fenômeno clínico das psicoses graças à dedução epistêmica de que haja psicoses ordinárias.

Sabemos que o Nome-do-Pai passa a ser um predicado lógico na obra de Lacan. E levando em conta a hipótese que Jésus Santiago sustenta em São Paulo em sua conferência de 24 de novembro de 2016 « Drogen, Ruptura fálica e Psicose ordinária » (SANTIAGO, 2016) temos que na clínica da toxicomania este predicado é função da ruptura fálica:

$$NP(x) \mid x = \Phi_0$$

Logo, a aproximação entre a toxicomania verdadeira e a psicose ordinária fica muito perto de ser demonstrada.

1. O PAI COMO NOME EM « DE UMA QUESTÃO PRELIMINAR »

Na página 564 Lacan é categórico: « No ponto em que, veremos de que maneira, é chamado o Nome-do-Pai, pois pode responder no Outro um puro e simples furo, o qual, pela carência do efeito metafórico, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica » (LACAN, 1998 [1957 – 1958], p. 564). Portanto, aqui, a causa de Φ_o é P_o .

Mas logo em seguida, na página 577, vemos Lacan retroceder desta certeza. Será que o abismo de Φ_o é simples efeito, no imaginário, do vão apelo feito no simbólico à metáfora paterna? « Ou devemos concebê-lo como produzido num segundo grau pela elisão do falo, que o sujeito reduziria, para resolvê-la, à hiância mortífera do estadio de espelho? » (LACAN, 1998 [1957 – 1958], p. 577).

Há então nas psicoses, sem dúvida, uma regressão tópica, e não genética, já que se verifica um recuo do simbólico em direção ao imaginário, lugar de todos os duplos do espelho. Mas aqui Lacan abre a possibilidade de cogitar que esta regressão seja consequência de uma *elisão do falo*, que causaria o abismo de Φ_o sem necessariamente pensá-lo como consequência do abismo feito pelo apelo ao NP, que nesta estrutura nunca estivera no lugar do Outro.

2. O PAI COMO PREDICADO QUE CULMINA EM « LES NON-DUPES ERRENT »

Todo o entendimento lacaniano sobre a pluralização dos Nomes-do-Pai culmina no Seminário ditado por Lacan em 1973 – 1974. Aqui, muito diferente de ser um nome, o NP é o fato de *ser nomeado*. O sintagma lacaniano *ser nomeado para* localiza o NP como um predicado, tal qual a lógica simbólica o entende.

Para a lógica um predicado é um operador, uma propriedade ou uma função matemática. Ele configura uma propriedade, um atributo que os elementos ou objetos que integram um conjunto detêm ou não detêm, de tal forma que retornam ao elemento um valor de verdade. É isso o que permite a este elemento ser nomeado ou não integrante de um conjunto.

O Pai entendido como predicado, e não como elemento presente ou ausente, coloca um termo à clínica lacaniana estrutural ou binária. Enquanto o Pai era um nome, um significante inscrito, tratava-se de tê-lo (neurose) ou de não tê-lo (psicose).

Na medida em que o Pai é uma propriedade, um predicado, muitas coisas podem fazer « um *compensatory make believe* (um *fazer crer compensatório*) do Nome-do-Pai » (MILLER, 2012 [2008], p. 410). Constituindo com isso um NP lá aonde, enquanto Nome, ele nunca esteve.

Se o NP como Nome era um substituto para o DM, agora o NP como predicado faz com que o substituto possa ser substituído. As drogas podem fazê-lo, bem como as tatuagens, os empregos, a filiação a alguma associação, para citar apenas alguns exemplos elencados por Jacques-Alain Miller. Cada uma dessas coisas pode ser um *make believe* do NP: elas podem fazer-crer que ele há.

Isso põe termo à clínica binária da neurose ou da psicose, para indicar ao praticante uma clínica continuista entre elas. Nesta clínica borromeana, onde cada sujeito inventa o seu sinthoma, o praticante é convocado a ler

o que amarra, para cada Um, as consistências do RSI. Logo cada sujeito passa a ser, ele mesmo, a sua classificação.

Este entendimento é levado às suas consequências últimas em 1998 por Miller, quando, a partir de uma conversação clínica realizada na cidade de Antibes, ele postula que há psicoses muito discretas, onde não se verificam os fenômenos clássicos decorrentes de P_0 (fenômenos elementares). Mas onde pequenos detalhes, coisas de fineza clínica, permitem ao praticante uma dedução epistêmica (não clínica) de que o NP aí opera como um *make believe* muito frágil, já que os fenômenos da elisão do falo são vários, ainda que discretos. Ali se deduz então a presença de uma psicose discreta, que Miller denominou por *psicose ordinária* (MILLER, 2012 [2008]).

3. DO FALO COMO SIGNIFICANTE EM «A SIGNIFICAÇÃO DO FALO» AO FALO COMO AQUELE DO GOZO QUE NÃO CONVÉM EM «MAIS, AINDA»

Há nitidamente na obra de Lacan um percurso que conduz o falo de sua primeira extração como falo significação, até sua acepção como falo significante. Em *A significação do falo* fica estabelecido para Lacan que o falo não é uma significação. O falo é um significante e a significação do falo é o desejo (MILLER, 2005 [1994 – 1995], pp. 202 – 222).

O falo como o significante *marca da relação do sujeito com o significante que se conjuga ao desejo*, é o elemento sempre subtraído da cadeia da fala, de tal forma que ele aparecerá inexoravelmente velado, escondido (LACAN, 2016 [1958 – 1959], p.32). Este é o falo significante do desejo.

Ao tempo de *Mais, ainda* podemos dizer que o falo se apresenta como um potencial *obstáculo*. Ele passa a ser um significante do gozo: o gozo fálico. Aqui ele deverá encarnar um significante assemântico, que melhor fará em não significar nada, mas que se ofereça como dispositivo para ordenar a relação do sujeito com o gozo do corpo. Apenas este falo que não signifique nada, poderá encarnar o nada de sentido que convém à relação sexual.

É isso que permite a Lacan dizer que o gozo não convém à relação sexual. Ele *non decet*. Por causa de o gozo fálico falar, a relação sexual não há. Então seria ótimo se houvesse outro gozo que não o fálico. « [...] se houvesse outro, mas não há outro gozo que não o fálico – salvo aquele sobre o qual a mulher não solta nem uma palavra, talvez porque não o conhece, aquele que a faz não-toda. » (LACAN, 1985 [1972 – 1973], p. 81 – 83).

Assim, só há o gozo fálico enquanto gozo que mantém proximidade com a palavra. Mas ele convém melhor quando o que ele diz da relação sexual é o nada do seu enigma.

4. O GOZO FÁLICO NÃO É O GOZO DO WIWIMACHER

Na *Conferência de Encerramento da Jornada de Cartéis* de 1975, Lacan recorre à linguagem chula (Lacan se desculpa por isso) para nos fazer entender a diferença entre o « *pinto* » e o falo. Tão elegante quanto erudito, ele não repete a palavra chula, e passa a designá-la do modo que a aprendeu com Hans: *Wiwimacher* (o *faz-xixi*)

(LACAN, 1975).

É preciso entender que o impasse do toxicômano não se localiza no gozo fálico. Ele se localiza antes. Ele não alcança de todo esse gozo pulsional, que sofreu efeitos da castração. Porque a elisão do falo, em maior ou menor grau, não lhe permite acesso amiúde ao gozo fálico. O que lhe interdita o corpo do Outro. E por quê?

Porque ele não rompeu seu casamento com seu pênis. O falo não lhe adveio assemântico. Ele não logrou significar « nada ». O gozo fálico só será o gozo que convém à relação sexual quando guardar em si um quantum suficiente de enigma. Único garante do sem sentido do gozo sexual, já que enquanto gozo vinculado ao significante, só há ele.

Mas, para alguns sujeitos, um excesso de sentido segue gravitando em torno do pênis. Talvez advindo dos primeiros encontros da vida sexual no *despertar da primavera*, como conjectura Jesus Santiago, não lhe terem sido suficientemente opacos (SANTIAGO, 2016).

Houve um *troumatisme* do *Wiwimacher* que hesita em ceder ao gozo fálico. Portanto, o problema não se situa no nível do Nome-do-Pai. Mas no real do corpo, que não consente em negativizar sentido, rumo a um gozo fálico. Apenas a droga, como curto-circuito, conseguirá romper esse sólido casamento com o gozo do órgão (SANTIAGO, 2016).

Neste brilhante parágrafo, mais além de definir a droga, Lacan nos permite, ou obriga, a entender que o gozo fálico não é o gozo do órgão (LACAN, 1975). O gozo do órgão é demasiadamente carregado de *jouis-sens*, necessário de negativizar, minimamente e de algum modo. Para que o nada enigmático do encontro entre os sexos convenha à relação sexual que não existe.

Referências bibliográficas:

- LACAN, J. « De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose » (1957 – 1958). In: _____. *Escritos* (1966). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. *O Seminário. Livro 6. O desejo e sua interpretação* [1958 – 1959]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2016.
- LACAN, J. *O Seminário. Livro 20. Mais, ainda* [1972 – 1973]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, 2^a edição corrigida.
- LACAN, J. « Encerramento das Jornadas de Estudos de Cartéis da Escola Freudiana » [1975]. In: *Pharmakon Digital 2*, 2016. Disponível em http://www.pharmakondigital.com/ed002/conferencias/pt/jacques_lacan_pt.html Acessado em 24 de junho de 2017.
- MILLER, J.-A. « Efeito de retorno sobre a psicose ordinária ». In: *A psicose ordinária A Convenção de Antibes*. Belo Horizonte: Editora Scriptum e Escola Brasileira de Psicanálise, 2012.
- MILLER, J.-A. *Silex Os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan* (1994 – 1995). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- SANTIAGO, J. « Drogas, ruptura fálica e psicose ordinária ». Conferência proferida em 24 de novembro de 2016 no II Encontro TyA Brasil « Sozinhos e Intoxicados ». Publicado em *Pharmakon Digital 3*, 2017.

TOXICOMANIAS APLICADAS ÀS PSICOSES

DRUG ADDICTIONS APPLIED TO PSYCHOSIS

Leonardo Scofield (Florianópolis, Brasil)

Psicanalista, Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP).

Psychoanalyst. Member of EBP and WAP.

Resumo: Este artigo aborda possíveis efeitos terapêuticos das toxicomanias aplicados a desordens ocorridas em casos de psicose. A leitura de três recortes clínicos nos auxilia a localizar os modos singulares que cada falassero constrói, com a droga, para reordenar ou evitar a desordem na junção mais íntima de seu sentimento de vida. Sob transferência, pode-se ter como orientação o que cada um inventa para nomear algo do gozo que inclua seu excesso.

Palavras-chave: toxicomania, psicose, gozo, droga

Abstract: This paper approaches the possible therapeutic effects of drug addiction to stabilize and avoid seizures in some cases of psychosis. The singular relation with the drug shown on three different clinical snapshots helps us to locate how each parlêtre shapes his relation with the drug to avoid the seizure in the most intimate life feeling, or to rebuild the pieces of a shattered self. Transference enables to name a jouissance including its excess and can be used as a guideline to deal with each case.

Keywords: Drug addiction, psychosis, jouissance, drug

Constatamos, em nossas práticas profissionais, grande incidência de toxicômanos cuja estrutura clínica desvela-se psicótica. Algumas abordagens tendem a fazer esta leitura como uma comorbidade e propõem como tratamento a abstinência da droga. A psicanálise lacaniana não compartilha desta orientação. A partir desta evidência clínica de que há uma relação entre as toxicomanias e as psicoses, permitimo-nos supor que haja uma tentativa, pelo ser falante, de tratar seus sofrimentos ocasionados numa estrutura psicótica através do uso de drogas.

Tomemos emprestado o termo “psicanálise aplicada” (LACAN, 1967/2003) à terapêutica (Miller, 2000) como uma referência para a investigação sobre as toxicomanias aplicadas às psicoses. Assim, pretendemos interrogar como alguns seres falantes podem fazer uso de drogas como uma tentativa de tratamento. Mas tratar de que? Do que Lacan apontou, a partir das psicoses, como “uma desordem provocada na junção mais íntima do sentimento de vida no sujeito” (LACAN, 1958/1998, p. 565). Como o uso da droga poderia ser aplicado para reordenar a junção do sentimento de vida ou para evitar que esta junção se desordene?

Esta desordem é um índice da desamarração dos três registros: Real, Simbólico e Imaginário. Ela é nítida nos fenômenos elementares da paranoia ou esquizofrenia, em que o real retorna lá onde o significante fálico foi foracluído. A desordem pode também ser manifesta por pequenos sinais de desconexão do falassero, entre sua experiência de gozo e as circunscrições que lhe são possíveis fazer no simbólico e imaginário. Por exemplo, em psicoses sem franco desencadeamento pode-se identificar a operatividade do Nome-do-Pai, como predicado (MILLER, 2008/2012, p. 409), sem, no entanto, que este significante desempenhe sua função metafórica operando como referência fálica. Desta maneira, podemos encontrar, nestes discretos sinais, índices de ruptura do nó entre os três registros.

Tomemos, de três vinhetas clínicas, orientações possíveis sobre a aplicabilidade terapêutica das toxicoma-

nias às psicoses:

DISTRAIR-SE DO CORPO

João, 17 anos, se viu em um vídeo de celular fazendo um movimento estranho com a cabeça e desencadeou um delírio persecutório que lhe causou uma ruptura social radical. Segundo ele, todos sabiam que ele tinha um “tic”, movimento involuntário da cabeça para estralar o pescoço. Era “como duas borrachinhas se esfregando”, disse ele, o que lhe impunha a necessidade de realizar tal comportamento. A transferência com um analista e o uso de neurolépticos aliviaram seus sintomas e lhe permitiram, aos poucos, retomar alguns de seus vínculos sociais, prioritariamente com alguns colegas com quem fumava maconha. Em uma sessão com o analista, João precisou o que lhe permitia circular com mais frequência: “quando eu fumo um, eu me distraio do meu corpo, acho até que nem tenho o tic quando estou chapado”.

À condição de fazer uso da substância, o sujeito extrai de seu corpo sua atenção, minimizando a imposição de um corpo que se goza fora da circunscrição fálica possível. Esta é uma tentativa de tratamento que lhe permite não sucumbir ao corpo, fazendo recurso à maconha e aprendendo, sob transferência, a se distrair, a extrair o valor daquilo que o invade.

SEXO COM COCAÍNA

José, 35 anos, apresenta um discreto delírio persecutório relacionado à herança familiar e procura a análise por “estresse”. Ele se aposentou e passa o dia fumando maconha “para se acalmar” do “estresse” que lhe causam as “confusões familiares”. O que lhe perturba, no entanto, é o fato de não ter mais tido ereção com sua esposa, “logo agora que queremos ter um filho”, ele precisa. Em algumas relações extraconjugais e sob o uso de cocaína, ele diz ter “ótimo” desempenho sexual. Mas não pode repetir isto com sua esposa por inadmissão da mesma. José então lamenta-se: “mas eu só faço sexo com cocaína”.

Com a cocaína ele não terá herdeiros, não terá assim que se haver com a função simbólica de ser pai, o que ele evita pelo sintoma de disfunção erétil. Há ainda a possibilidade de ler o uso da droga como fuga diante do fato de se colocar o problema sexual (MILLER, 1989/2015, p. 7).

DO “MERDA” AO “DEPENDENTE EM RECUPERAÇÃO”

Mário é usuário de drogas múltiplas há décadas, com certos períodos de abstinência intercalados por graves “recaídas”. Na tentativa de dar lugar ao gozo de seu corpo, disruptivo dos laços sociais, ele tenta nomear-se pela relação que estabeleceu com o uso de drogas. Sob o uso, ele se diz “um merda”. Mas não se trata de uma identificação ao significante dialetizável. Ele precisa ser recuperado pelo Outro, defecado na escória das ruas, destituído da possibilidade da fala, destinado ao estatuto de dejeto, de “merda”.

Enquanto “dependente em recuperação”, significante extraído dos grupos de Alcoólicos Anônimos, ele se mantém em vigília de seu corpo, de seus laços. Este significante, apesar de nomeá-lo em relação às drogas, permite-lhe experimentar uma espécie de falta, de perda a ser recuperada, relançando-o na perspectiva de que

algo que o represente esteja no porvir das relações, pela fala que estabelece com os dispositivos de saúde e assistência social. Falta esta que, por vezes, se apresenta com insuportável, (LAURENT, 2003/2017) passando ao ato nas tentativas de nomear-se enquanto um merda. Poderíamos dizer que é pelo nome de “dependente em recuperação” que uma prótese imaginária pode dar a Mário uma precária identificação a um “fazer-crer compensatório” do Nome-do-Pai (MILLER, 2008/2012, p.410), com o qual ele mantém em ordem, provisoriamente, a junção de seu sentimento de vida?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente a relação de alguns sujeitos com as drogas, enquanto aquilo que permite a ruptura com o gozo fálico (LACAN, 1975/1981, p.119), pode agravar sua situação com um horizonte mortífero. Mas, assim como a literatura psicanalítica nos ensina e estes pequenos recortes clínicos demonstram, é possível fazer um uso terapêutico das drogas diante das rupturas ocorrentes em casos de psicoses.

A localização do gozo do corpo, sempre excessivo à significação, sem a prótese fálica que o significaria fílmaticamente, para João não foi suficiente. Ele precisou de um recurso à substância para que este gozo fosse minimizado, permitindo-lhe, a partir da maconha, retomar minimamente uma ordenação na junção mais íntima de seus sentimentos de vida. Para José, transar com a cocaína o protege de se haver com um gozo do Outro sexo, sem precisar responder com a referência fálica da qual é desprovido. No caso de Mário, a identificação a um significante que nomeie para ele uma falta, lá onde ele se nomearia, em ato, enquanto objeto, tem função terapêutica para erguer novamente o corpo do qual ele não se apropria enquanto merda.

Para falarmos das toxicomanias aplicadas, podemos parafrasear Lacan ao referir-se à psicanálise, sem, é claro, estabelecer uma equivalência entre elas. Ele disse que “cada um sabe que a análise tem bons efeitos, que só duram um certo tempo. Isso não impede que seja uma trégua, e que é melhor do que não fazer nada” (LACAN, 1975/1976). As toxicomanias podem ser assim vistas como uma trégua. É exatamente a partir deste ponto que os analistas, orientados por seus desejos e pela psicanálise pura, tem a responsabilidade de sustentar a transferência com os falasseres toxicômanos e psicóticos em um tratamento que permita produzir, para além da droga, um enodamento singular entre o gozo do Um, sempre desmedido, e o Outro, sempre insuficiente.

Referências Bibliográficas:

- LACAN, J., (1972/1978), *Du discours psychanalytique*. In: *Lacan in Itália* (pp. 32-55). Milão: La Salamandra.
- LACAN, J., (1975/1981), “Sessão de encerramento da Jornada de Cartéis da Escola Freudiana de Paris, 13/04/1975”. Publicado em *Pharmakon Digital 2*, 2016.
- LACAN, J., (1975/1976), *Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines*, in Scilicet, 6(7), Paris, Seuil.
- LACAN, J., (1958/1998), “De uma questão preliminar a todo tratamento possível na Psicose”. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- LACAN, J., “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”. Em: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar 2003b. p. 248-264.
- LAURENT, E., (2003/2006), Os tratamentos Psicanalíticos das psicoses. In: Derivas analíticas. Revista Digital de psicanálise e cultura da Escola Brasileira de Psicanálise número 06 junho 2017. Disponível em: <http://revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/tratamentos>
- MILLER, J.-A., (2008/2012), Efeito do retorno à psicose ordinária. In: *A psicose ordinária, A Convenção de Antibes*. Belo Horizonte, Scriptum.
- MILLER, J.-A., (1989/2015), Para uma investigação sobre o gozo autoerótico. In: *Pharmakon Digital 1*, 2015.
- MILLER, J.-A., “Les Journées de l’École de la Cause freudienne”, *La Lettre mensuelle* nº 193, dezembro de 2000, pp. 1-5.

INTOXICAÇÕES NO CONTEXTO DO DESENCADEAMENTO DA PSICOSE

INTOXICATIONS IN THE CONTEXT OF UNCHAINMENT

Viviane Tinoco Martins (Rio de Janeiro, Brasil)

Psicóloga, Doutora em Teoria Psicanalítica – UFRJ, Pós-doutoranda em Psiquiatria e Saúde Mental – IPUB/UFRJ, Coordenadora Adjunta do PROJAD/IPUB/UFRJ, Supervisora Clínica-Institucional do CAPS-ad III Antonio Carlos Mussum e da UAA Cacilds – Rio de Janeiro – SMS-RJ, Participante do Núcleo de Pesquisa em Toxicomania e Alcoolismo do ICP-RIO.

Psychologist, PhD in Psychoanalytic Theory (UFRJ), Post-doctorate in Psychiatry and Mental Health (IPUB / UFRJ), Deputy Coordinator of PROJAD/IPUB/UFRJ, Clinical-Institutional Supervisor of the CAPS-ad III Antonio Carlos Mussum and of the UAA Cacilds (Rio de Janeiro, SMS-RJ), Participant of the Research Center on Drug Addiction and Alcoholism of ICP-RIO.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo localizar as funções da droga no seio do tratamento possível das psicoses, no que tange à dimensão do gozo que incide sobre o real do corpo intoxicado. A conjuntura clássica do desencadeamento dos fenômenos elementares que revelam a estrutura psicótica é problematizada à luz das contribuições acerca da psicose ordinária em articulação com o consumo de drogas na clínica contemporânea.

Palavras-chave: psicoses, drogas, intoxicações, desencadeamento, gozo, significante.

Abstract: This paper has the goal of locating the functions that the drugs exert in the treatment of possible psychoses, towards what tangles the jouissance dimension that inflicts on the real of the intoxicated body. The classic context of unchainment of elementary phenomena reveal how the psychotic structure is questioned, in light of the contributions regarding ordinary psychoses in relation to the use of drugs in contemporary clinic.

Key-words: psychoses, drugs, intoxication, unchainment, jouissance, significant

Tomando como ponto de partida a obra freudiana, temos como objetivo articular as intoxicações às manifestações clínicas da estrutura psicótica. Freud, ao abordar as técnicas para evitar o sofrimento psíquico e o mal-estar na cultura, inclui a intoxicação. Na juventude a fuga para a doença neurótica constitui-se como uma “última técnica da vida” (Freud, 1930[1929]/1996:92). Diante do fracasso na busca pela felicidade, o sujeito pode vislumbrar duas possibilidades de “consolo” (idem): a escolha da psicose ou a intoxicação crônica. Aqui, é digno de nota, o fato de Freud colocar num mesmo plano, a intoxicação e a psicose e ressaltar que o sujeito pode escolher uma ou outra. Na atualidade, como reler tal constatação de Freud, considerando o consumo excessivo de drogas realizado por sujeitos neuróticos e psicóticos?

A articulação entre psicanálise e psicose é tributária das contribuições de Lacan, que, em seu retorno a Freud, inaugurou um tratamento possível para sujeitos psicóticos, incluindo o manejo dos desencadeamentos e das tentativas de cura.

Em seu primeiro ensino, Lacan se dedicou ao seguinte objetivo: “restaurar o acesso à experiência que Freud descobriu” (Lacan, 1957-8/1998, p. 590) para com isso permitir uma revisão do tratamento analítico de modo a incluir a dinâmica psíquica das psicoses. Tal revisão da técnica psicanalítica foi fundamental, “pois usar a técnica que ele [Freud] instituiu fora da experiência a que ela se aplica é tão estúpido quanto esfalfar-se nos remos

quando o barco está encalhado na areia” (idem). Assim, Lacan instrumentalizou os analistas para não recuarem diante da psicose. Com isso, abriu-se a possibilidade de oferecer as balizas para uma direção psicanalítica ao tratamento de psicóticos.

A experiência da intoxicação se constitui como uma modalidade de gozo que incide sobre o corpo. É importante destacar que na psicose, a droga, de acordo com o caso único, pode operar pela via da moderação do gozo invasivo que faz retorno no real. Por outro lado, também é possível reconhecer que, para alguns sujeitos, a intoxicação promove a irrupção de um gozo ilimitado, que tem como efeito a manifestação de fenômenos elementares próprios do desencadeamento da psicose (Martins, 2009).

A DROGA E A CADEIA SIGNIFICANTE

Lacan menciona um caso policial publicado em um jornal francês – *France-Soir* – que encontrou “largado” em um trem e lhe caiu nas mãos enquanto viajava. Tratava-se de uma “bela francesa” chamada Claudine que foi assassinada por “um americano que fugiu correndo” e teria sido internado em uma casa de saúde. Destaca o fato de que o assassino teria usado LSD, “parece que ele estava chapado no momento em que a coisa aconteceu” (Lacan, 1967-8/2006, p. 54).

Apesar de mencionar o uso da droga, Lacan ressalta o papel da articulação significante em detrimento dos efeitos da substância. “Há o LSD, mas enfim, mesmo assim, o LSD não baratina completamente as cadeias significantes. Esperemos isso, em todo caso, para que encontremos algo aceitável” (Lacan, 1967-8/2006, p. 55). Lacan é claro ao fazer crítica àqueles psicanalistas que identificariam uma causa para o assassinato decorrente de “algum lugar no nível da cadeia significante”, ao invés de apenas constatar o fato e questiona: “por que não se diria pura e simplesmente que ele arrebentou a menina, e pronto?” (idem). O que para nós é valioso é o fato de Lacan não tomar a intoxicação como um motivo do ato criminoso do sujeito e valorizar o encadeamento significante que não se compromete com o uso de drogas.

O PAPEL SECUNDÁRIO DA NARCOSE NA CENA DO DESENCADEAMENTO

Em sua tese de psiquiatria, Lacan recorreu ao estudo das psicoses exógenas ou tóxicas. Neste estudo, identificou as “relações clínicas e patogênicas da psicose paranóica com as psicoses de intoxicação e de auto-intoxicação” (Lacan, 1932/1987, p. 115). Em poucas páginas sobre o assunto, ressaltou a estranheza da etiologia tóxica das paranóias. Assim, “é preciso, com efeito, ver na própria intoxicação não uma causa primeira, mas freqüentemente um sintoma de distúrbios psíquicos” (Lacan, 1932/1987, p. 117). Lacan é ainda mais preciso, quando destaca que a intoxicação constitui “uma tentativa do sujeito para compensar um desequilíbrio psíquico” (idem) e conclui que “as fraquezas psíquicas do terreno vão ser reencontradas nas consequências da intoxicação” (ibidem).

Lacan, ao tecer comentários acerca das estratégias utilizadas nos interrogatórios dos criminosos, tais como a tortura e a narcose, ressalta suas inadequações e também seus limites, na medida em que não induz o sujeito a dizer aquilo que ele não sabe. No que se refere à narcose, Lacan é ainda mais enfático e aponta os seus perigos.

“Os vaticínios que ela provoca, desnorteantes para o investigador, são perigosos para o sujeito, que, por menos que participe de uma estrutura psicótica, pode encontrar nela o “momento fecundo” de um delírio” (Lacan, 1950/1998, p. 146)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que o recurso à droga possa cumprir a função de compensar o desequilíbrio psíquico característico de uma psicose, tal função porta precariedades e pode participar da conjuntura do desencadeamento. Alguns sujeitos são bem sucedidos nesta função compensatória, outros claudicam, na medida em que a intoxicação produz uma experiência excessiva de gozo.

O uso metódico de drogas, dada a sua complexidade, dificulta o estabelecimento do diagnóstico estrutural, na medida em que os fenômenos clínicos relativos à intoxicação e à abstinência se assemelham a uma sintomatologia própria da psicose. O obscurecimento do diagnóstico, não é sem impasses na direção do tratamento. Assim, é preciosa a orientação de Miller (2010) acerca da psicose ordinária, uma “categoria lacaniana”, que permite superar uma clínica de “caráter basicamente binário”, no que tange ao diagnóstico diferencial entre neurose e psicose, instituindo um norte para a condução do tratamento na variedade de tipos clínicos na contemporaneidade.

Referências Bibliográficas:

- FREUD, S. (1930[1929]/1996). “O Mal-Estar na Civilização” In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI). Rio de Janeiro, Imago.
- LACAN, J. (1932/1987). *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade, seguido de Primeiros Escritos sobre a paranóia*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária.
- LACAN, J. (1950/1998). “Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- LACAN, J. (1957-8/1998). “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- LACAN, J. (1967-8/2006). *Meu ensino*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- MARTINS, V. T. (2009). “O recurso à droga nas psicoses: entre objeto e significante”. Tese de Doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ (Inédita).
- MILLER, J. A. (2010). “Efeito do retorno à psicose ordinária”. In: *Opção Lacaniana online nova série*. Ano 1; Número 3, Novembro de 2010.



PHARMAKON[®]
ADOLESCÊNCIA

BONS COLEGAS, PARA RAPAZES BONITOS

GOOD COLLEAGUES FOR HANDSOME GUYS

Nadine Page (Bruxelas, Bélgica)

Psicanalista em Bruxelas, Membro da ECF e da AMP, Coordenadora da Unidade de Consulta do Centro Médico Enaden.

Psychoanalyst from Brussels, Member of the ECF and the WAP, Coordinator of the Consultation Unit of the Enaden Medical Center.

Resumo: O texto retoma a função da droga como objeto *a* como o que realiza um laço com o Outro, e também a importância do corpo nas suas consistências de real e imaginário, a partir de um caso exemplar onde o uso de esteroides coloca em evidência a ausência da função fálica.

Palavras chaves: corpo, real, imaginário, esteroides, desencadeamento.

Abstract: The text recuperates the function of the drug as an object *a* to make a link with the Other, and also the importance of the body in its real and imaginaire consistancies, in a case that shows how the use of steroids can put in evidence the absence of the phallic function.

Key words: body, real, imaginaire, steroids, crisis.

O uso de produtos psicotrópicos é sem dúvida alguma um dos “marcadores” privilegiados do modo como se manifesta o discurso de uma sociedade. O aparecimento da toxicomania, no fim do século XIX, corresponde ao momento preciso onde se cruzam as emergências do discurso da ciência e do capitalismo. Concretamente, a descoberta da seringa coincidiu com a da morfina; essa conjunção além de permitir a anestesia na medicina, causou uma epidemia da morfinomania no final da guerra franco-alemã de 1870. (BACHMANN e COPPEL, 1989, p.101).

Por outro lado, a industrialização selvagem, associada à emigração em massa de camponeses em direção as cidades e à ruptura dos laços familiares tradicionais, provocaram na mesma época um alcoolismo que devastou as classes populares.

Se para a juventude dos anos 70 o consumo de drogas estava associado, desde então, à procura de outros modos de vida em comunidade e ligado a exploração de novos horizontes interiores, atualmente o uso desses produtos tomaram uma cara muito diferente: na época da queda dos ideais e da ascensão ao zênite do objeto *a*, a adição colore normalmente todos os laços sociais. Por outro lado, essa mudança se traduz na linguagem corrente por uma modificação semântica que carrega o traço da generalização do uso aditivo dos objetos de consumo: o termo adição tomou a dianteira do termo toxicomania.

Em um artigo preparatório para o congresso da AMP de 2008, intitulado “Os objetos *a* na experiência analítica” (Textos e *papers*), Éric Laurent nos indica que o objeto *a*, longe de ser um perigo para o laço social, uma ameaça que pediria uma restauração, é antes, seu fundamento. Ele sublinha que não haverá outro, pois a razão desde de Freud não nos permite mais perseguir o sonho das Luzes: o homem se sustenta por sua razão no universal e na autonomia.

A adição representa uma das consequências contemporâneas dessa ascensão ao zênite do objeto *a*, com o efeito paradoxal sobre o laço social, que inclui muito frequentemente uma forma de separação do Outro, na

medida onde ela convoca um gozo que não passa pelo Outro, que curto circuita os desfiladeiros da fala. Assim, ela participa dos remanejamentos profundos daquilo que estrutura as coletividades.

No entanto, nossos encontros cotidianos com os usuários de drogas nos ensinam que esse consumo não é sempre unicamente uma modalidade de separação do Outro, ele pode constituir também uma tentativa de reinclusão no Outro. Em suma, frequentemente ele aparece como uma tentativa de tratamento da relação com o Outro, incluindo ou alternando alienação e separação.

Éric Laurent acrescenta a essa constatação uma indicação fortemente útil: essa tentativa de refiliação não se fará a partir do simbólico, mas por meio do corpo, nas suas duas consistências real e imaginária.

O caso de um jovem, recebido em uma única consulta, imediatamente após uma passagem ao ato, parece-me ilustrar esse uso do corpo pelo viés de um consumo de esteroides como tentativa de tratamento do laço ao Outro.

Esse jovem foi levado por sua mãe e seu irmão à consulta após ter quebrado tudo, em um cômodo da casa da família, onde seus pais insistiam para que ele se explicasse quanto à sua transformação psíquica. Em algumas semanas, sua aparência se modificou até parecer a de um *body builder* com uma envergadura impressionante. A polícia foi chamada, ele se rebelara, fora conduzido a um hospital psiquiátrico, de onde fugiu para encontrar um refúgio na casa de um amigo. Sua mãe teria ido buscá-lo, e no retorno à casa dele, muito agitado, desde o momento que seu pai rogou que fosse dormir novamente, ele quebrou tudo no seu quarto.

Embora pouco inclinado a consultar, ele consentiu a me falar do que lhe aconteceu, cedendo à inquietude e a insistência de sua mãe. Isso vai nos permitir situar as coordenadas dessas passagens ao ato violentas, surpreendentes para os seus próximos: esse jovem é habitualmente tranquilo.

De início, destaca que desde a infância teve um problema de peso. Ele situa em seguida um acontecimento que provoca uma báscula em sua existência: quando tinha 12 anos, sua mãe foi acometida por um câncer. Foi um choque para ele: segundo seus termos, sua mãe é uma batalhadora, uma guerreira, pronta para batalhar como um homem, quando acha que tem razão: ela é muito forte. Então, vê-la assim enfraquecida sobre uma cama de hospital... As palavras lhe faltam para qualificar o efeito subjetivo, ainda mais que ela parecia ter mantido propostas um pouco delirantes, que ele atribui imediatamente aos efeitos da anestesia, mas que pareciam ainda comportar para ele, atualmente, um efeito enigmático.

É depois disso que começam os problemas na escola. Fracasso na reorientação. Ele circula por várias escolas “especiais”* e abandona sua escolaridade aos 17 anos. Na verdade, tira essa conclusão de seu percurso: “Os bons colegas, são para os rapazes bonitos”, indicando assim que é à sua aparência corporal que imputa os fracassos. Então, ele começou a “frequentar a academia”, treinando regularmente.

Foi aí que um homem se aproximou e lhe propôs um tratamento de esteroides de 8 semanas, por 250 euros. Ele verificou primeiramente na internet se não estava sendo trapaceado, verificando os preços, depois se informou sobre as consequências físicas. Parece se assegurar de estar completamente documentado sobre os danos previsíveis desse tipo de consumo. Ele me enuncia a lista. De fato, há aí também, um cálculo: arrisca perder 5 ou 6 anos de vida, mas ganha 2 a 3 anos de treinamento na academia para adquirir o mesmo resultado. Ele

começa então a tomar esses produtos, vê sua aparência se modificar, e sente, diz ele, o olhar das mulheres se modificar sobre ele.

A inquietação familiar o faz parar, então ele interrompe esse “tratamento”, vendo sua aparência física se modificar rapidamente no espelho, e me diz o quanto essa transformação, essa diminuição, é acompanhada por um sentimento de estranheza.

As duas passagens ao ato se inscrevem nesse contexto: para ele é impossível responder às questões de seus pais, intimando-o a se explicar sobre esse consumo, após havê-lo encontrado na casa do amigo onde se refugia. Não consegue acalmar-se e tenta, em vão, se empanturrar tomando todos os medicamentos de sua mãe, para atender a demanda de seu pai de ir dormir, mas não conseguindo, faz uma nova quebradeira, esta segunda vez em seu quarto.

Os elementos significativos da história trazida por esse jovem homem nos permitem situar a prevalência da sua identificação imaginária: o quadro de sua mãe enfraquecida sobre uma cama de hospital provoca uma forma de derrocada de suas referências, que ele localiza sobre a imagem do corpo. Ele concluirá em seguida que não é um garoto belo para ter sucesso na escola, e orienta sua solução a partir de uma restauração da imagem do corpo via o consumo de esteroides. Fazendo isso, ele trata igualmente o real da pulsão, pois um dos efeitos desses produtos é a impotência, que ele assume, me dizendo baixinho que “isso, faço uma cruz em cima”.

O consumo revela nesse caso sua função de tentativa de refiliação ao laço social pelo viés da reconstrução de uma imagem do corpo que valha. Embaraçado pela inquietude dos pais, resta esperar que esse jovem homem, orientado por outra estrutura de cuidados, possa construir outra solução.

Tradução do francês: Luis Francisco Espíndola Camargo

Referências Bibliográficas:

BACHMANN, C et COPPEL, A. *Le dragon domestique. Deux siècles de relations étranges entre l'Occident et la drogue*. Paris: Albin Michel, 1989, p. 101.

Notas:

*Na Bélgica existe centros educativos chamados «filiales de rélegation» que são colégios para alunos repetentes ou especiais, alunos com problemas sociais, deficiências motoras, etc.



PHARMAKON[®]

ESTÉTICAS DO CONSUMO

USOS DO CORPO NAS TOXICOMANIAS

BODY USE IN DRUG ADDICTIONS

Eugenio Flórez (Medellín, Colombia)

Psicanalista associada à Nueva Escuela Lacaniana (NEL). Responsável pelo grupo de Investigação de psicanálise com crianças (GIPN)

Psychoanalyst associated to NEL, responsible for the Psychoanalysis with Children Research Group

Resumo: O artigo aborda alguns elementos recuperados do texto “Usos do corpo nas toxicomanias na época do *parlêtre*”, no qual se tenta sustentar uma tese a respeito do uso singular do corpo que o *parlêtre* faz, a partir da noção de consistência mínima que Lacan introduz no final de seu ensino.

Palavras-chave: adição, corpo, gozo autista, *parlêtre*

Abstract: This article approaches certain elements recovered from the text *Body use in drug addictions in the time of parlêtre*, which attempts to support a thesis regarding the unique use of the body by the *parlêtre*, from the notion of minimum consistency introduced by Lacan at the end of his teaching

Keywords: addiction, body, autistic jouissance, *parlêtre*

Usos do corpo nas toxicomanias na época do parlêtre (Flórez, 2016) é um texto que, depois de um percurso epistêmico, tenta sustentar uma tese a respeito do uso singular que o *parlêtre* faz do corpo. Essa tese se localiza no último ensino de Lacan com a noção de consistência mínima. O texto, por sua vez, procura lançar luz sobre a abordagem da mesma, sob a perspectiva da psicanálise de orientação lacaniana.

A tese central se apoia na noção de gozo Uno, gozo autista que se apoia no corpo. Tese que podemos enunciar agora da seguinte maneira: o chamado toxicômano, por não se deixar enganar pelo equívoco do significante, pelo inconsciente rechaçado como recurso de acesso ao sintoma, nos permite verificar o que Lacan assinala a respeito do que é o gozo, o gozo do corpo. As toxicomanias, assim como as psicoses, nos permitem ver, das maneiras menos veladas, que o corpo, como território de gozo, está disponível para o uso. Por sua vez, permitem verificar que há um uso singular do corpo e que nesse uso singular é possível captar a consistência mínima que, no nível do significante, não é possível captar no nível discursivo.

Propomos que a noção de *uso* seja tomada como Lacan sugere em seu seminário 24, ou seja, em oposição ao interpretável pela via do sentido. Ele introduz essa expressão pensando no elemento mínimo de corda ou redondel que, antes de ser interpretado, é dado ao uso. Uso que supõe um funcionamento à maneira de uma peça solta. Teríamos que precisar que esses usos do corpo podem passar por um arranjo sinthomal ou, em muitos casos, podem lançar luzes ao traumatismo acontecido no corpo, de maneira singular e que, por não enodar-se, mantém-se na pura iteração aditiva no *parlêtre*, o que, em todo caso, compromete o corpo vivo.

Temos o antecedente que a operação toxicômana, proposta por Mauricio Tarrab (2000) permite ver, em que se evidencia uma verdade: o gozo rechaça o laço. Rechaço que costuma ser pensado como uma desconexão significante. Mas o que é menos mencionado é que essa verdade tem sua raiz no real, como bem ensina Lacan no Seminário 23 (2006), do qual se pode extrair a ideia do Um sozinho, do gozo Uno, que não faz laço; gozo

autista.

Isto nos permite entender que o Um não é um número; como Um, deve-se pensa-lo também à maneira da peça solta, do pedaço ou do núcleo central. Uma peça que tem o estatuto de absoluto, na medida em que não remete a nada, a nenhum sentido. O exemplo de Picasso nos parece importante. O nariz, uma peça que não pretende significar e que funciona à maneira desse objeto de caráter absoluto atravessa de alguma forma suas obras. Podemos ver o nariz de Picasso como uma peça solta em sua obra ainda que, ao passa-la pela máquina significante, apresente múltiplos sentidos. No final, cada um lê com a sua fantasia. Não era assim para ele, que chegou a nomeá-lo como “*quart de brie*”, respondendo a quem o interrogava a respeito.

Pensemos também no antigo filme chamado *O homem do braço de ouro* em que sua mão fazia as vezes de um elemento, de uma peça solta a partir da qual se podem tecer histórias de sua adição à heroína ou ao jogo; histórias sobre a inibição sintomatizada em dor, mas ao mesmo tempo, é no ato mesmo em que sua mão toca a bateria, que um saber fazer se capta. Não é um saber do fazer, é um saber fazer com. Produz assim um efeito de enodamento surpreendente que Frank Sinatra representa de maneira excepcional. É o tratamento desse essencial que é a peça solta, feita não para ser lida e é o que o *parlêtre* necessita para se fazer valer. É o que mantém vivo o sujeito e esse pedaço de corpo, nesse caso, está sinthomaticamente comprometido.

Poderíamos elevar à dignidade de peça solta outras partes do corpo a partir das quais o *parlêtre* se enoda da maneira como expomos? Podemos por exemplo, isolar, recortar algo do vivo do corpo através do objeto voz ou do objeto olhar para nos aproximarmos do *parlêtre* em seu gozo adicto?

Pensemos um pouco por que deveríamos seguir as marcas do gozo no corpo, uma vez que o gozo não se encontra na consistência do corpo como forma, e tampouco é encontrado, como disse Miller, no simbólico como um buraco: “Sublinhe-se que esse parasita, o gozo, se acrescenta entre o corpo e o simbólico e, se se quer, os enoda. Por isso Lacan fala de gozo parasita como de algo real” (2013, p. 37).

Adiante, ele diz: “Essa consistência se baseia na *relação* do *parlêtre* com seu corpo. Há aqui uma relação. A relação que Lacan perdeu no nível sexual, a relação cuja inexistência formulou no nível sexual, reaparece no nível corporal” (Miller, 2013, p. 417). Esse é um ponto central, ainda que tenhamos que confessar que esta afirmação fosse totalmente obscura e agora se apresente um pouco mais clara, quer dizer, não há relação sexual, há relação corporal. Em todo caso, deveria estar presente que é sobre esse “não há relação sexual” que aparece em primeiro plano o “há relação corporal”.

O elemento mínimo é a consistência localizada em uma parte do corpo, não na imagem. Qual seria, então, a maneira de proceder na abordagem do *parlêtre*, que se caracteriza pelo fato de que tenhamos de partir do “há Um corpo” que se goza, um corpo vivo, consistência primeira do *parlêtre*? Não temos uma resposta pronta. Essa colocação em primeiro plano do corpo, não só como um corpo que goza, senão, essencialmente, que há um gozar-se do corpo, supõe um operar à maneira da peça solta. Por sua vez é também uma consistência que teria que orientar a respeito do modo particular pelo qual, para o *parlêtre*, o corpo está comprometido no enodamento sinthomático.

Partir do elemento solto, do Um, se apoia já na ideia de um real que não se sustenta na impossibilidade

(não relação sexual) senão na ex-sistência. Esse Uno não se refere à ordem da representação posto que “O Um encarnado na *alíngua* é algo que resta indeciso entre o fonema, a palavra, a frase, mesmo todo o pensamento” (Lacan, 1985, p. 196), Esse Um encarnado supõe que não deveríamos tomá-lo como representação; de fato, está desprovido da ambiguidade fonética. Haveria então esta forma do gozo Uno, como elemento mínimo em relação com o simbólico, porém no nível de *lalingua*.

Neste sentido, as psicoses orientaram Lacan a respeito do real que interessa à psicanálise, por isso, outro traço nessas linhas aproximativas à tensão proposta com a expressão usos do corpo nos é dado pela clínica com a psicose, tal como assinalamos antes. Particularmente o esquizofrênico que, frente à dificuldade de servir-se do corpo como unidade imaginária, faz presente o fato sintomático mais observável, que o corpo é um monte de peças soltas que ele tem que tentar organizar com invenções das mais singulares, como nos faz notar Miller em “A invenção psicótica”. O esquizofrênico “tem o sentimento de estar fora de seu corpo, e é necessário inventar, tal como ele disse, os recursos para ligar-se a seu corpo” (Miller, J.-A., 2007). O *parlêtre*, para poder usar seu corpo, tem que tentar ajustá-lo com objetos como correias, bandagens, uso excessivo de vestuário, enfim.

É complexo, sem dúvida, dizer o que é o que enoda em cada caso, porém na altura dos nós, “o real em questão tem o valor do que chamamos geralmente de um trauma” (Lacan, 2007, p.127). Mais que um real impossível se trata de um real sem lei, que tem, além disso, o valor de acontecimento. A dimensão de impossibilidade é um impossível de escrever, salvo por uma contingência, um acontecimento contingente. Daí que um real possível é esse que, por uma escritura dada a partir de um acontecimento contingente, se pode captar como isso, um pedaço de real.

É essa a ideia que nos permite pensar o corpo também como um monte de peças soltas e que qualquer delas pode funcionar à maneira desse Um, elemento mínimo. Um que não é numérico, porém que pode chegar a ter uma espécie de funcionamento orientador. Não seria demasiado arriscado, então, que esta possa ser uma chave de leitura para pensar as chamadas psicoses discretas que proliferam hoje ou, quem sabe, simplesmente estejamos mais despertos a elas em nossa clínica.

Tradução: Maria Wilma S. de Faria

Revisão: Márcia Mezêncio

Referências Bibliográficas:

- FLÓREZ, E. *Usos del cuerpo en las toxicomanías en la época del parlêtre*. Buenos Aires: Ed. Grama, 2016.
- LACAN, J. *O seminário, livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p.196. LACAN, J. *O seminário, livro 23: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 127.
- LACAN, J. *Seminario libro 24 en 1976-1977* L'insu que sait de l'Une bêvue s'aile à mourre. Versión de circulación interna 1988. (Inedito).
- MILLER, J.-A. (2007) La invención psicótica, en: Formas contemporáneas de la psicosis. *Virtualia 16*. Revista Digital de la Escuela de la Orientación Lacaniana. Recuperado de: <http://www.eol.org.ar/virtualia/016/> (10/07/13)
- MILLER, J.-A. *Piezas sueltas*. 2004-2005. Buenos Aires: Paidós, 2013.
- MILLER, J.-A. “El inconsciente y el cuerpo hablante”, in: *Revista Lacaniana nº 17*, Ed. Grama, 2014.
- TARRAB, M., SILLITTI, D. y SINATRA, E. *Más allá de las drogas. Estudios psicoanalíticos. Sujeto goce y modernidad*, nueva serie. Plural: Bolivia. 2000.

SYD BARRETT: BRILHE DIAMANTE LOUCO

SYD BARRETT: SHINE ON YOUR CRAZY DIAMOND

Luis Darío Salamone (Buenos Aires, Argentina)

Membro da Escuela de la Orientación Lacaniana (EOL) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), AE (2007-2010) e Responsável pela Revista PHARMAKON de 2009 a 2013. Co-diretor do TyA desde 1996. Autor de: El amor es vacío. Cuando las drogas fallan. Alcohol, tabaco y otro vicios e El silencio de las drogas

Member of EOL and WAP, AE (2007-2010), Responsible for PHARMAKON Magazine de 2009 a 2013, Codirector of TyA since 1996

Resumo: O trabalho segue os caminhos de Syd Barrett, fundador do grupo de rock Pink Floyd, pioneiro do rock psicodélico, onde o consumo de LSD teve um lugar fundamental.

Palavras-chave: Syd Barrett, LSD, Drogas no rock

Abstract: The paper follows the path of Syd Barrett, founder of Pink Floyd, pioneer in psychedelic rock, where the consumption of LSD had a fundamental place.

Keywords: Syd Barrett, LSD, Drugs in rock

*“Não é fácil falar de mim.
 Tenho a cabeça muito irregular.
 E não sou nada do que pensam que sou”*

Syd Barrett

Syd Barrett foi o nome artístico que forjou Roger Keith Barred, cantor, guitarrista, compositor e um dos precursores do rock psicodélico. Deu nome e existência a uma das grandes bandas da história do rock. Ele propôs chama-la *Pink Floyd Sound* em homenagem a dois músicos de blues que não são muito conhecidos: Pink Anderson e Floyd Council.

Foi uma estrela fugaz no firmamento do rock, inclusive em sua própria invenção: participou só três anos do Pink Floyd. Porém seu rastro jamais deixou de estar presente na banda. Logo, gravou como solista dois álbuns, para desaparecer da cena do rock, isolando-se, refugiando-se na casa paterna. Consequência lógica do que Éric Laurent denominou “um progressivo desligamento do Outro”.

Roger Waters e David Gilmour se colocaram à frente da banda, mas os temas que compunham estavam sempre falando sobre a loucura de seu antigo líder. O primeiro lançamento do grupo original: *The Piper at the Gates of Dawn*, é considerado por muitos como o melhor primeiro disco de uma banda, sendo um dos pilares do que se denominou rock psicodélico (foi gravado quase simultaneamente com *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* dos Beatles). Syd Barrett compôs a maior parte dos temas do disco.

Syd não pôde suportar a pressão de liderar a banda encadeando um concerto atrás do outro, acabando por entrar em colapso, convertendo-se numa sombra do que tinha sido um dia. Os problemas de Syd com as drogas, particularmente o LSD, começaram a arruinar as apresentações da banda. Em um recital tocou só uma nota. Em outro, lançava sua guitarra com violência em direção ao público. Em vez de cantar, murmurava, ou nem podia

entrar no palco. A banda tinha que cancelar as apresentações. Inclusive em uma entrevista para a televisão norte americana durante a primeira turnê na América do Norte veio a sofrer um colapso. David Gilmour foi tomando paulatinamente o lugar do guitarrista, enquanto Syd deambulava pelo cenário, com a vista perdida no vazio. Um dia em 1968 seus companheiros se dirigiam a um concerto e decidiram simplesmente não pegá-lo para o show. Os membros da banda consideraram a possibilidade de tê-lo como compositor, porém, prescindir dele nas apresentações ao vivo, tal como fizeram os Beach Boys com Brian Wilson, que também teve problemas para apresentar-se ao vivo pelo excessivo consumo de LSD. Porém, o comportamento errático de Barrett os levaram à decisão de continuar sem ele.

O próximo LP, *A Saucerful of Secrets*, incluiria um tema composto por Barrett que seria sua despedida. Na letra, ele assegura que já não está presente neste lugar, senão em outros planos mentais, longe das pessoas mundanas. Virão dois discos solos, o de 1969 inclui “Golden Hair”, um tema composto a partir de um poema de James Joyce. Em um de seus versos diz: “eu escutei cantar através da obscuridade”. Seria tentador supor que Syd Barrett é para a música o que James Joyce é para a literatura. Porém sabemos que Joyce conseguiu uma estabilidade que jamais Barrett pôde encontrar.

A suas tentativas solitárias, ajudado por David Gilmour que procurava reparar o fato de ter ocupado o seu lugar na banda, seguiu o ostracismo. Refugiado na casa materna, suas principais ocupações seriam a pintura e a jardinagem. Quando sua mãe morreu, passou a cuidar dele sua irmã Rosemary.

O álbum de consagração do Pink Floyd, “Dark side of the moon” (1973), inclui temas de Roger Waters inspirados na loucura de Syd: “Brain damage” y “Eclipse”, que juntos, são o ápice de uma obra prima magistral. “Dano cerebral” narra a história de um lunático que se aproxima, está no gramado, no hall de entrada, se aproxima cada vez mais, até que o lunático, finalmente se encontra com a cabeça do narrador e uma risada louca se certifica disso, ao fundo. A loucura já não é alheia. A loucura de Barrett é a que deu origem à banda, e seguiu inspirando grandes temas, a loucura está neles, como está em nós. Poética forma de dizer que todos são loucos.

Em 1975, Pink Floyd lança o álbum *Wish You Were Here*, uma magistral homenagem a seu fundador. Enquanto estavam gravando *Shine on you crazy Diamond* nos estúdios *Abbey Road*, um homem invade a sala de gravação, estava com excesso de peso (logo diria que havia comido muitas costeletas de porco, esse animal que em um globo gigante flutua nos recitais de Pink Floyd). O sujeito tinha a cabeça e as sobrancelhas completamente raspadas, vestia jaqueta e sapatos brancos e tinha uma bolsa de plástico nas mãos. Seus antigos companheiros de banda demoraram a reconhecê-lo, havia cinco anos que não viam Barrett. Roger Waters e Richard Wright romperam em lágrimas. Esta imagem lhes foi traumática e procuraram levá-la ao simbólico em muitas entrevistas. O personagem central de *The Wall* seria uma tentativa de elaboração. Pink se chamava o protagonista do filme dirigido por Alan Parker, que perde gradualmente a sanidade e raspa o couro cabeludo e as sobrancelhas.

O tema “Shine On You Crazy Diamond” tem em seu título as iniciais SYD (assim como o LSD está presente em uma música dos Beatles, *Lucy in the sky with Diamonds*). A letra de “Segue brilhando diamante louco”, diz: “Recordo quando você era jovem que brilhou como o sol, brilho de louco diamante. Agora há um olhar

em teus olhos, como um buraco negro no céu. Brilho de louco diamante que foram presos no fogo cruzado da infância e do estrelato”.

No ambiente da psiquiatria inglesa o “caso Barrett” passou a ser material de estudo. Um trabalho de Paolo Fusar-Poli publicado no *The American Journal of Psychiatry*, assegura que em 1974 Barrett se viu definitivamente “obrigado” a abandonar a vida pública depois de um desencadeamento, no qual trancou sua namorada durante três dias, sem deixá-la sair de casa.

Muitos trabalhos dedicados a Barrett afirmam que o uso de LSD pode provocar esquizofrenia, sem reparar que o de que se trata é que o ácido lisérgico pode levar a um desencadeamento. É comum que quem consome e tem uma má experiência com a substância fale de uma “má viagem”. Não é estranho que essa viagem ruim empurre o sujeito ao abismo de uma laceração.

Syd Barrett evidencia em seu percurso este “progressivo desligamento do Outro, como contra partida aos casos de sujeitos, onde as substâncias tóxicas permitem encobrir dificuldades que guardam relação com as psicoses, permanecendo “assintomáticos” enquanto consomem, já que a droga lhes brinda com um tampão a partir de uma compensação química ou de certa solução identificatória que um significante como “adicto” pode proporcionar no campo do social.

O consumo de LSD pode se mostrar interessante para a composição de temas de rock psicodélico, ao traduzir no plano musical o caráter enigmático que se desprende da relação de um sujeito com seu gozo, porém, o inconveniente é que entre os seus efeitos geralmente inclui alucinações, tanto com os olhos abertos quanto fechados, percepções distorcidas do tempo e da realidade, desintegração do eu. Por essas razões haviam responsabilizado a essa substância por “psicotizar” os sujeitos. Mas a verdade de que se trata é de submergir o sujeito em um estado alterado que pode levá-lo a um desencadeamento, quando longe de favorecer uma possível estabilização delirante, o arrasta ao campo de uma infinitização, fazendo com que se disperse no infinito de seu delírio. O sujeito que consome ácidos não pode dizer que permaneça “assintomático”, somente que podem atribuir-se certas manifestações inerentes ao desligamento do Outro, ou os fenômenos alucinatórios, ao consumo. A substância gera este tipo de fenômeno que entra em uma relação topológica com os fenômenos de estrutura. As alucinações, a despersonalização, a perda de referências corporais e identificatórias, o comportamento errático, a impossibilidade de compartilhar esta estranheza e de desprender da experiência uma significação, provoca um empobrecimento de suas relações e laços afetivos, promovendo rupturas com o Outro, que levam o sujeito ao isolamento.

Syd Barrett viveu muitos anos isolado do mundo, morreu devido a um câncer de pâncreas, ainda que a diabetes tenha sido um grande sofrimento nos últimos oito anos de sua vida. Segundo sua irmã, morreu com uma gargalhada esquizofrênica, como a que aparece nos temas finais de “O lado obscuro da lua”, o álbum desta banda que ele havia fundado e da qual não se lembrava. Apesar de seu legado, no final de sua vida, não se recordava nem sequer que havia sido músico.

Tradução: Maria Wilma S. de faria

Revisão: Márcia Mezêncio

Referências Bibliográficas:

- Autores Varios. Historia del rock. El País. Ediciones X-Press. Madrid, 1993.
Duarte, Sebastián. Pink Floyd. Derribando muros. Distal. Buenos Aires, 2012.
Miller, Jacques-Alain y otros. *La psicosis ordinaria*. ICdeBA-Paidós. Buenos Aires, 2003.
Povey, Glenn. Los tesoros de Pink Floyd. Editorial Cúpula. Inglaterra, 2012.
Shapiro, Harry. Historia del rock y de las drogas. Manon Troppo. Barcelona, 2006.
Watkinson, Mike; Anderson, Pete. Syd Barrett y el amanecer de Pink Floyd. Munster. Barcelona, 2012.

A INQUIETANTE FAMILIARIDADE DAS DROGAS: RESENHA DO III COLÓQUIO AMERICANO DA REDE TYA

THE DISTURBING FAMILIARITY OF DRUGS: REVIEW OF THE III AMERICAN COLLOQUIUM OF THE TYA NETWORK

Cláudia Maria Generoso (Belo Horizonte, Brasil)

Psicanalista, Psicóloga em Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas, Coordenadora Adjunta do Núcleo de Toxicomania do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais

Claudio Spivak (Buenos Aires, Argentina)

Membro da Escola de Orientação Lacaniana, membro da Associação Mundial de Psicanálise, Docente da Faculdade de Psicologia (UBA), Secretário do Departamento de Toxicomanias e Alcoolismo (TyA-Argentina)

Marcelo Quintão e Silva (Belo Horizonte, Brasil)

Integrante do Núcleo de Toxicomania do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, Médico Psiquiatra - Rede de Saúde Mental da Prefeitura de Belo Horizonte

Resumo: Resenha do III Colóquio Americano da Rede *TyA*, realizado em setembro de 2017 na cidade de Buenos Aires, Argentina, com o tema “A inquietante familiaridade das drogas”.

Palavras-chave: Drogas, toxicomania, contemporâneo, gozo.

Abstract: Review of the III American Colloquium of the *TyA* Network held in September 2017 in the city of Buenos Aires, Argentina, on the subject “The disturbing familiarity of drugs”

Keywords: Drugs, drug addiction, contemporary, jouissance.

O III Colóquio Americano da rede *TyA* ocorreu em 13 de setembro de 2017, na cidade de Buenos Aires, Argentina, como um dos eventos satélites do VIII ENAPOL, debatendo o tema “*A inquietante familiaridade das drogas*”.

A organização do Colóquio tomou como eixo de difusão as vinculações entre a droga e a cultura, seguindo a indicação do argumento: “Narrar a história dos narcóticos é quase como narrar a história de nossa cultura”. Para tal, fundou-se um espaço digital em <https://www.facebook.com/coloquiotya/>. Durante os meses que antecederam o Colóquio publicaram-se dezenas de textos, em especial resgatando a relação particular estabelecida entre distintos personagens da cultura com a droga, em um sentido mais amplo. Seguindo esta orientação publicaram-se escritos, por exemplo, sobre Kurt Cobain, R. L. Stevenson, Amy Winehouse, Andre Agassi e Jim Morrison, dentre outros. As produções encontram-se online, podendo ser lidas a partir do endereço mencionado.

A abertura do evento contou com importantes psicanalistas que participaram desde o começo do *TyA* na Argentina, como Ernesto Sinatra e Luis Darío Salamone, bem como a presença da vice-presidente da AMP, An-

gelina Harari. A Mesa foi coordenada por Carolina Hernández, diretora do CID da NEL Maracaibo, Venezuela, que ressaltou que o III Colóquio *TyA* tornou-se a consolidação de um espaço de encontro e debate. Firmou também o compromisso de fundar a rede *TyA* em Maracaibo, ampliando esse tipo de investigação articulada à prática.

Ernesto Sinatra abordou o tema da inquietante familiaridade das drogas, sublinhando o componente aditivo do circuito do consumo de mercadorias na atualidade, e a produção de drogas-mercadorias no sentido de que as próprias mercadorias em si têm um valor aditivo. O sucesso dessa conjunção sustenta-se na hipótese de que o mercado se vale diretamente da condição estrutural da subjetividade a partir de seu fundamento bipolar do consumo. Sinatra descreve o processo do *parlêtre* a partir da relação com o vazio fundamental, que demarca a inexistência de um gozo universal, e os objetos produzidos pelo mercado (*gadgets*) como promessa para preencher esse vazio. O discurso capitalista intervém no mercado produzindo objetos para com eles saturar o vazio central do gozo impossível, sendo sua função a de fazer existir um gozo suplementar dos sexos, que não há. No entanto, o que se substitui com os *gadgets* não é um objeto, mas um gozo e, por isso, nenhum objeto pode ajustar-se aí de forma adequada e permanente, uma vez que nunca haverá um objeto de gozo universalizado. A iteração do gozo, então, causa movimento dos objetos, que se substituem uns pelos outros, decorrendo assim a sua infinitização pelo mercado com a promessa enganosa de satisfazer o *parlêtre*.

Esta é a falácia que se compra e que produz a chamada moral aditiva do consumidor, dividida entre a tristeza produzida pela abstinência do objeto e o triunfo produzido por tê-lo, segurá-lo nas mãos. Este é o fundamento maníaco-depressivo ou bipolar do consumo. Entre a exaltação maníaca e a queda depressiva mostra-se o vazio, o ponto exato da não relação, que recicla o processo de consumo em uma metonimização assintótica.

Gozo familiar inquietante que também foi destacado na exposição de Luis Salamone, segundo o qual a substância tóxica alimenta o sujeito, sendo muitas vezes capaz de separá-lo do Outro, inclusive do inconsciente, mas não da pulsão de morte. Consequências nefastas geradas por esse tipo de gozo que tornou o tema das adições como um dos mais importantes para a política psicanalítica, referindo-se à inquietação de Judith Miller que desde cedo se ocupou de perto da rede *TyA* na AMP.

Em seguida houve a apresentação por Fabián Naparstek, coordenador *TyA* Internacional, e Jorge Castilho (*TyA* Córdoba), do tema do II Colóquio Internacional da Rede *TyA* a ser realizado em Barcelona durante o Encontro da AMP em abril de 2018: *Os ligamentos e desligamentos nas toxicomanias e adições*. Lançou-se, assim, o convite para a realização de trabalhos a serem apresentados no evento.

Após a abertura foi o momento do Seminário Teórico sob a responsabilidade de Jesús Santiago, Assessor *TyA* Brasil, que discorreu sobre o tema: *Droga: heresia ou ortodoxia no Outro da civilização?* O seminário abordou as consequências da supremacia do discurso da ciência em toda a abordagem da questão das drogas na civilização, determinando-a de maneira absoluta – junto à ciência, a droga se tornou um tóxico. Ao literalizar as substâncias da natureza, como se a droga habitasse a natureza enquanto uma realidade pré-discursiva, privilegia as propriedades tóxicas das substâncias, mensurando sua dose letal, estando a noção de intoxicação relacionada ao grau de nocividade das substâncias. Isto produz efeitos no espaço jurídico, que se exprime no

arsenal de disposições legislativas sobre a nocividade e o abuso da droga, de onde deriva a repressão policial. A hipótese lacaniana de uma moral na natureza é a de que decorre do discurso da ciência a imputação à droga do papel de heresia, frente à civilização, assim como o de ser um dos responsáveis por muitos flagelos atuais.

Para a psicanálise não há droga na natureza e a sua definição se constitui no contexto discursivo em que se enuncia. Seu uso toxicômano é tomado como ponto de partida pela via da concepção paradoxal da economia da satisfação libidinal, originando, no psiquismo, o laço especial e contraditório entre o sujeito e seus objetos. Tal satisfação, tomada por seu aspecto lábil cernido no campo obscuro do gozo, é correlata da pulsão, tendo os objetos a marca do impossível, sob a égide do princípio do prazer – não se satisfazer, senão por meio da alucinação – e, no gozo, o traço fundamental de não se realizar, a não ser com o que não serve para nada. Nesta experiência subjetivada, a droga só tem relação com a realidade por um fragmento escolhido desta. E ao fazer uma escolha para o destino de sua vida, o sujeito se torna um herético – é preciso escolher o caminho pelo qual alcançar a verdade, além de poder submetê-la à confirmação, quer dizer, ser herético de uma boa maneira. O toxicômano é um herético de uma má maneira, pois em seu rechaço ao inconsciente, priva-se de usar sua heresia logicamente, faz mau uso de suas escolhas e de seus excessos.

Da heresia passa-se rapidamente à ortodoxia, já que a droga do toxicômano se torna um dogma ao qual o sujeito se submete, segundo o imperativo de uma repetição monótona e ritualística de uso. Faz da droga um *meaning is use*, cujo significado se reduz ao puro valor de gozo.

A satisfação pulsional pela escolha forçada do *pharmakon*, reversível entre remédio e veneno, conta com o fator real do gozo, não só pela sua inutilidade, mas sobretudo pelo seu eixo inexorável com o mal. O gozo é um real que sempre encerra a vertente do mal e o uso da droga torna-se uma *construção substitutiva*, como defesa diante das fixações de gozo, de caráter desarmônico, cuja estranheza tem a ver com o que pode transmutar-se entre o remédio e o veneno, entre o bem e o mal. Pressupõe-se, assim, a disjunção entre as vertentes do *pharmakon* como símbolo (prevalência do efeito de significado) e como letra (prevalência da natureza de objeto), condição de resíduo que a droga assume na civilização, indício de algo nocivo. Após tal disjunção da droga promovida pela ciência, torna-se possível a toxicomania como recurso e a droga como o artefato, suporte artificial de um puro substituto. Artefato que não é semelhante, mas um instrumento reparador para remediar o fato de que, para certos sujeitos, ditos toxicômanos, o semelhante fálico mostra-se em ruptura com sua operatividade sobre o gozo.

Após o Seminário, que levantou pontos importantes de discussão, houve duas mesas de trabalhos clínicos, sendo a primeira composta por Nicolás Bousoño (*TyA Argentina*), Maria Wilma Faria (Responsável *TyA Brasil*) e Ana Viganò (*TyA México*). A segunda mesa com Hilda Vittar (Assessora *TyA Córdoba*), Antônio Beneti (Assessor *TyA Brasil*) e Darío Galante (Codiretor *TyA Argentina*). Foram momentos de discussões clínicas que testemunharam a prática psicanalítica diante da função do uso de drogas, para cada caso, frente ao inquietante gozo de cada um: a função da droga na economia psíquica e a toxicidade do gozo. Situações clínicas que implicam os efeitos do mundo atual nas relações subjetivas, sendo uma época toxicômana, observada a partir das formas que se apresentam hoje. Como exemplo, o uso atual de drogas sintéticas nas festas eletrônicas em que

os corpos se agitam sem palavras, de forma anônima e sem consciência, em que as pessoas colocam suas vidas em risco. Situações clínicas que destacam a relação do gozo toxicômano com o corpo em um viés autoerótico ante um impasse colocado pela sexualidade, sendo a adição uma forma substituta à satisfação primordial no corpo, como exemplificou Freud com a experiência da masturbação. Outro ponto que emergiu da discussão clínica refere-se à função da droga para cada sujeito. Um caso exemplificou a necessidade de precisar as distintas funções que têm as drogas e como servem para tratar algo pontual, como frear o momento em que um estado subjetivo implica o desencadeamento psicótico, incluindo aí a função de ligamento e desligamento do Outro.

Destacou-se também a relação de casos de toxicomania com as psicoses ordinárias, animando ainda mais o debate que se desdobrou em várias questões a serem desenvolvidas sobre esse tema. Questões também referentes à especificidade da clínica no campo das toxicomanias, que deve ser pensada como a clínica do sujeito e do *falasser*; o manejo da transferência quando alguns sujeitos se fixam na nomeação familiar de dependentes químicos, enfim, toda uma riqueza clínica que nos convida a pensar a relação da toxicomania com a psicose na atualidade, assunto que continuará a ser debatido no Colóquio Internacional a partir do tema dos Ligamentos e Desligamentos nas Toxicomanias e Adições.

O encerramento do evento foi feito pelo secretário de *TyA* Argentina, Claudio Spivak, e pelo diretor de *TyA* Rosário, Adrian Secundo, agradecendo a todos e à Comissão Organizadora pelo trabalho realizado. Cláudio Spivak também nos propôs uma leitura sobre a definição da droga, dada por Lacan em 1975. Vinculou, seguindo a indicação lacaniana, o êxito da droga com a emergência da angústia, produto do encontro do corpo com o gozo fálico. A droga é bem sucedida no ponto em que permite romper com esse gozo fálico, heteroerótico ao corpo, fora do corpo e ao qual afeta a sua consistência. Assim, o êxito é duplo, ao extrair a angústia e ao manter ou atingir a consistência do corpo. Ideias que nos instigam a continuar o trabalho rumo ao *TyA* Internacional.